



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

CARLOS ANDRÉ DOS SANTOS JARDIM

**UM OLHAR FENOMENOLÓGICO SOBRE O CORPO E ENVELHECIMENTO NO
MUNDO CONTEMPORÂNEO**

São Luís - MA

2025

CARLOS ANDRÉ DOS SANTOS JARDIM

**UM OLHAR FENOMENOLÓGICO SOBRE O CORPO E ENVELHECIMENTO NO
MUNDO CONTEMPORÂNEO**

Dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Maranhão (PPGPSI), como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia

Linha de Pesquisa: Avaliação e Clínica Psicológica

Orientadora: Profª. Drª. Dayse Marinho Martins

São Luís - MA

2025

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Jardim, Carlos André dos Santos.
UM OLHAR FENOMENOLÓGICO SOBRE O CORPO E ENVELHECIMENTO
NO MUNDO CONTEMPORÂNEO
/ Carlos André dos Santos Jardim. - 2025.
90 f.

Orientador(a): Dayse Marinho Martins.
Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação
em Psicologia/cch, Universidade Federal do Maranhão,
São Luís - Maranhão, 2025.

1. Psicologia. 2. Fenomenologia. 3. Corporeidade. 4.
Envelhecimento.
I. Martins, Dayse Marinho. II. Título.

CARLOS ANDRÉ DOS SANTOS JARDIM
UM OLHAR FENOMENOLÓGICO SOBRE O CORPO E ENVELHECIMENTO NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSI), da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) para obtenção do título de Mestre em Psicologia

Dissertação defendida e aprovada em 23/09/2025

Pela Comissão Examinadora, constituída pelos seguintes professores:

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Dayse Marinho Martins (ORIENTADORA)

Doutora em Políticas Públicas e Doutora em História
Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSI)
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Prof. Dr. Yuri Givago Alhadef Sampaio Mateus (EXTERNO)

Doutor em História
Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)

Prof. Dr. Carlos Santos Leal PPGPSI/ UFMA

Doutor em Educação, Arte e História da Cultura
Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSI)
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Prof. Dr. Carlos Wellington Soares Martins - PPGPSI/UFMA - SUPLENTE

Doutor em Políticas Públicas
Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSI)
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

À CAPES, pelo financiamento dos meus estudos

RESUMO

Diversos fatores têm contribuído para o crescimento da expectativa de vida da população de muitos países, o que tem levado ao aumento da população idosa. Tratar sobre o tema corpo e envelhecimento parece ser, muitas vezes, um assunto já esperado, conhecido, quanto ao conteúdo que ocasionalmente é abordado nos grupos sociais. A cristalização feita em cima desse tema retira justamente a possibilidade de comparecimento e manifestação de novas formas de existência humana envelhecida sem os rótulos já estabelecidos por outrem. A reflexão que proponho investiga qual a abordagem da fenomenologia sobre o corpo no envelhecimento? Essa pesquisa busca compreender a forma como o envelhecimento é retratado na sociedade ocidental contemporânea, além de apresentar conceitos da Psicologia Fenomenológica de Edmund Husserl como forma de nortear a compreensão sobre o fenômeno do envelhecimento, sem perder de vista os modos e as estruturas da abordagem sobre corpo e envelhecimento na Psicologia Brasileira e quais as perspectivas apresentadas pela fenomenologia. Para tanto, desenvolvi um estudo qualitativo, fundamentado teórico e metodologicamente na fenomenologia de Edmund Husserl, realizando uma revisão exploratória na primeira parte da investigação com o intuito de situar historicamente o conceito de envelhecimento ao logo do tempo. Após esse percurso, darei início ao levantamento na base de periódicos da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Periódicos CAPES, acerca dos temática no âmbito da pesquisa em Psicologia no Brasil. Os descritores que utilizarei serão os seguintes: Envelhecimento, corporeidade, fenomenologia e Psicologia, dentro de um intervalo temporal de 5 anos, sendo válidas apenas pesquisas no âmbito nacional. De posse dos achados da pesquisa, farei uso do Prisma Flow como forma de organizar e sintetizar os dados encontrados, sempre norteado pela atitude fenomenológica, que se apresenta por meio da epoché, da redução eidética e da redução transcendental. Os resultados preliminares que tenho encontrado revelam um enviesamento das pesquisas que, em sua maioria são oriundas da área da saúde, muito atreladas a noção de adoecimento físico, prevenção de quedas e promotoras de bem estar corpóreo.

Palavras-chave: Envelhecimento. Corporeidade. Fenomenologia. Psicologia.

ABSTRACT

Various factors have contributed to the growth in life expectancy of the population in many countries, which has led to an increase in the elderly population. Dealing with the subject of the body and ageing often seems to be an expected and well-known subject in terms of the content that is occasionally discussed in social groups. The crystallization of this topic removes the possibility of appearing and manifesting new forms of aged human existence without the labels already established by others. The reflection I propose investigates what approach phenomenology takes to the body in ageing. This research seeks to understand how aging is portrayed in contemporary Western society, as well as presenting concepts from Edmund Husserl's Phenomenological Psychology as a way of guiding understanding of the phenomenon of aging, without losing sight of the ways and structures of the approach to the body and aging in Brazilian Psychology and the perspectives presented by phenomenology. To this end, I carried out a qualitative study, based theoretically and methodologically on Edmund Husserl's phenomenology, carrying out an exploratory review in the first part of the investigation with the aim of historically situating the concept of ageing over time. After this, I will begin a survey in the periodicals database of the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel Foundation - CAPES Periodicals, about themes in the field of psychology research in Brazil. The descriptors I will use are as follows: Ageing, corporeality, phenomenology and Psychology, within a time interval of 5 years, and only research at national level will be valid. Once I have the research findings, I will use Prisma Flow as a way of organizing and synthesizing the data found, always guided by the phenomenological attitude, which is presented through epoché, eidetic reduction and transcendental reduction. The preliminary results I have found reveal a bias in the research which, for the most part, comes from the area of health, closely linked to the notion of physical illness, fall prevention and promoting bodily well-being.

Keywords: Ageing. Corporeality. Phenomenology. Psychology.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Representação das Greias.....	10
Figura 2 -	Representação de envelhecimento na religião de matriz africana.....	11
Figura 3 -	Representação do envelhecimento para os povos indígenas.....	12
Figura 4 -	Representação do envelhecimento no Cristianismo.....	13
Figura 5 -	Pessoa envelhecida sobre um leito.....	14
Figura 6 -	Escultura grega simbolizando a juventude.....	15
Figura 7 -	Pessoa envelhecida como sinônimo de geracionalidade e transmissão de cultura na África	16
Figura 8 -	Pessoas envelhecidas simbolizando sabedoria e respeito na cultura asiática.....	17
Figura 9 -	Cacique na cultura indígena representa liderança, sabedoria e respeito....	17
Figura 10 -	Pessoas envelhecidas no Brasil com o papel de criação dos netos.....	18
Figura 11 -	Representação do envelhecimento nas mídias.....	18
Figura 12 -	Retrato de “Dona Benta”, personagem de Monteiro Lobato.....	20
Figura 13 -	Representação gráfica de uma pessoa envelhecida em povos coletivistas.	24
Figura 14 -	Pessoa envelhecida no cotidiano do Egito Antigo.....	25
Figura 15 -	Pessoa envelhecida no período Medieval.....	25
Figura 16 -	Pessoa envelhecida compondo a tripulação expedicionária.....	26
Figura 17 -	Pintura renascentista retratando a velhice.....	27
Figura 18 -	Pessoas envelhecidas no período Iluminista.....	27
Figura 19 -	Representação de pessoas envelhecidas na contemporaneidade.....	30
Figura 20 -	Capa do Estatuto do Idoso.....	31
Figura 21 -	Pessoas envelhecidas desenvolvendo atividades no CAISI.....	33
Figura 22 -	Edmund Husserl (1859-1938).....	38

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	07
2	CORPOREIDADE E ENVELHECIMENTO	10
2.1	Representações sobre o envelhecer.	13
2.2	Questionando a imagem social do envelhecimento.....	19
2.3	O envelhecimento na contemporaneidade	24
3	POR UMA FENOMENOLOGIA SOBRE O ENVELHECIMENTO	34
3.1	A psicologia fenomenológica de Edmund Husserl	38
3.2	Conceitos: mundo-da-vida e corporeidade	39
4	O ENVELHECIMENTO NA PSICOLOGIA BRASILEIRA.....	42
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
6	REFERÊNCIAS	60

1 INTRODUÇÃO

Diversos fatores têm contribuído para o crescimento da expectativa de vida da população de muitos países, o que tem levado ao aumento da população idosa. Imediatamente, um ar de preocupação parece tomar conta das políticas estatais, muito em detrimento das questões envolvendo a economia, já que para o sistema capitalista, na base da pirâmide de sustentação social devem estar os jovens e adultos.

Contudo, para além desta questão meramente monetária, outra gama de fenômenos sociais e individuais também começam a ganhar maior evidência, uma vez que o contingente da população envelhecida ganha força por conta de sua numerosidade. O estado passa a ter em suas mãos a incumbência de gerir os problemas advindos dessa nova realidade social.

O Estado, enquanto entidade que detém o poder e o dever de criar, implementar e fiscalizar leis relacionadas também a este grupo social, não deve ser agente único de melhoria do que se tem como problema. Instituições em geral que compõe o tecido social certamente têm seus papéis a serem desempenhados na complexa tarefa de promover o bem estar das pessoas idosas.

O setor privado, que é responsável pelo maior contingente de empregabilidade do Brasil, carrega consigo enorme prática do etarismo. Nessa conjuntura, pouco absorve pessoas de idade mais avançada para ocuparem postos de trabalho, muito em função do discurso produtivismo *versus* juventude. Por sua vez, as instituições religiosas surgem como potenciais agentes de transformação dessa realidade, pois, muitas tarefas realizadas em seu interior visam e contam majoritariamente com a participação e interação dos mais jovens.

Nas famílias, a realidade de muitas pessoas idosas tem sido a terceirização da educação dos netos, uma vez que os pais encontram-se demasiadamente ocupados em seus afazeres do cotidiano. Em outros contextos, os asilos acabam sendo a alternativa encontrada. Há, ainda, aquelas famílias que até residem e convivem com seus idosos, mas a socialização entre todos os seus integrantes fica comprometida por vários motivos.

Tratar sobre o tema corpo e envelhecimento parece ser, muitas vezes, um assunto já esperado, conhecido, quanto ao conteúdo que ocasionalmente é abordado nos grupos sociais. A cristalização feita em cima desse tema retira justamente a possibilidade de comparecimento e manifestação de novas formas de existência humana envelhecida sem os rótulos já estabelecidos por outrem.

Diante disso, a relevância deste estudo repousa exatamente no caráter conceitual que comparece no discurso coletivo sobre corpo e velhice, na maioria das vezes pelo viés da limitação, dos sintomas físicos por conta da idade e até mesmo uma ausência de perspectiva, já que a pessoa se encontra “no fim da vida”. A pesquisa alicerça suas motivações em três pilares principais. O primeiro deles diz respeito à questão pessoal, pois, por meio de observações nos grupos sociais na qual estou inserido, pude me deparar com algumas situações de não permissividade da manifestação de pessoas idosas.

Em segundo lugar, destaco a contribuição desta pesquisa no meio acadêmico, uma vez que o envelhecimento é um assunto difícil de ser debatido e problematizado, pois muitas vezes traz um estigma de doença, invalidez e morte. Com esse pensamento, não se considera a velhice como um processo, ignorando que até se chegar ao final, existe um longo caminho a ser trilhado (NASCIMENTO et al, 2013). Além disso, as pesquisas produzidas sobre este assunto, em sua grande maioria, visam discutir a questão da saúde biológica, com enfoque nos sintomas patológicos que surgem nesse momento da vida dos indivíduos.

O terceiro quesito para o qual aponto diz respeito ao social, já que o objeto de estudo desta pesquisa aborda pessoas que interagem com suas famílias, com outros profissionais no ambiente de trabalho e com a sociedade de um modo em geral. Assim, os achados desta pesquisa poderão ser utilizados para sensibilizar quanto à reflexão e mudança atitudinal dos diversos segmentos sociais com relação ao envelhecimento.

No transcorrer da história da humanidade, o corpo humano passou a ser alvo de interesse do campo científico, principalmente por parte Medicina. O conhecimento, a previsibilidade e o controle de patologias, por exemplo, surgem como consideráveis influências que fomentaram a criação e expansão dos estudos direcionados ao corpo. Junto com o saber médico e biológico, vieram consigo os conceitos, categorias e estruturas positivistas que visavam “facilitar” o conhecimento inerente aos organismos dos seres humanos.

Este prestígio dado ao saber médico e a criação dos conceitos prévios sobre a corporeidade humana acabaram sendo responsáveis pela rotulação, esteriotipação e até mesmo patologização do ser humano e da vida. Dos bebês aos idosos, em todas as fases do desenvolvimento humano, características próprias daquelas faixas etárias foram atribuídas e vinculadas. Até certo ponto, esta atitude em si, não parece apontar para malefícios, já que sua proposta propõe tornar os fenômenos mais identificáveis de maneira mais rápida. Mas, à medida em que houve o engessamento dessa visão sobre um ser tão permeado de subjetividades e intersubjetividade, como o ser humano, surgem, com maior assiduidade, fenômenos sociais como o etarismo: o preconceito atrelado à idade da pessoa.

A partir desse cenário, destaco a seguinte questão norteadora: Qual a abordagem da fenomenologia sobre o corpo no envelhecimento? Desta inquietação, surgiram outras questões tais como: De que forma o envelhecimento é retratado na sociedade ocidental contemporânea? Que conceitos da Psicologia Fenomenológica de Edmund Husserl podem nortear a compreensão sobre o fenômeno do envelhecimento? Quais os modos a as estruturas da abordagem sobre corpo e envelhecimento na Psicologia Brasileira e quais as perspectivas apresentadas pela fenomenologia?

Tomando por base tais questões, com esta pesquisa, objetivo compreender a abordagem da fenomenologia sobre o corpo no envelhecimento. Para tanto, busco perceber como o fenômeno do envelhecimento é retratado na sociedade ocidental contemporânea; além de descrever os sentidos dos conceitos de corpo e mundo-da-vida na compreensão do envelhecimento, a partir da Psicologia Fenomenológica de Edmund Husserl; e reconhecer os modos a as estruturas da abordagem sobre corpo e envelhecimento na Psicologia Brasileira, identificando as perspectivas da fenomenologia.

A estrutura deste relatório de qualificação está subdividida em três momentos principais. Na primeira seção, apresento o entrelaçamento entre noção de “corporeidade e envelhecimento”. Para melhor compreensão, retrato durante o texto a origem da palavra “envelhecimento”; a conceituação que este fenômeno recebeu ao longo do tempo e a historicidade na qual esteve envolto o conceito de velhice – como foi retratada ao longo do tempo por meio da arte e dos registros históricos. Encerrando o primeiro momento, discuto, mediante situações que acontecem em nosso cotidiano, o Estatuto do Idoso: documento criado para salvaguardar os direitos da pessoa idosa nas políticas públicas do Brasil contemporâneo.

Em seguida, na segunda seção, faço um panorama de como a ciência psicológica tem visto e, principalmente, retratado o fenômeno da velhice. Aponto para quais teorias tem surgido e quais práticas têm sido utilizadas para com esse público. Utilizo informações oficiais para discutir o papel que a Psicologia tem desempenhado nas mediações com as pessoas idosas.

Por fim, na terceira seção, discorro sobre o processo de construção da pesquisa. Na metodologia, evidencio como realizei a pesquisa até este momento, bem como efetivarei as próximas ações na prospecção da produção científica brasileira em Psicologia sobre envelhecimento. Considero que a relevância deste trabalho repousa na reflexão que propicia em direção à maneira como o “ser velho” tem sido tratado na contemporaneidade e os desdobramentos disso. Sinalizo que, ultrapassar a noção puramente organicista e se direcionar ao vivencial/existencial, aponta pra um horizonte menos esterotipado e mais humanizado da velhice em nossa sociedade.

2 CORPOREIDADE E ENVELHECIMENTO

Como ponto de partida, apresento um breve, mas importante e necessário intróito sobre o fenômeno do envelhecer. Pesquisando sobre o tema no dicionário, me deparei com os seguintes conceitos: tornar velho; fazer perecer mais velho; sofrer os efeitos da passagem do tempo; tornar-se velho, perder a juventude; perder a atualidade, cair em desuso; amadurecer, adquirir experiência (PORTO EDITORA, 2024).

Em outra perspectiva, a população idosa é definida pela Organização Mundial de Saúde – OMS (2005) como o grupo etário de 65 anos ou mais nos países desenvolvidos e 60 anos ou mais nos países em desenvolvimento, enfatizando a questão cronológica do vivido de cada sujeito. Ambas as definições apresentadas sugerem muito daquilo que está presente no discurso do senso comum, do cotidiano das pessoas ao se remeter às pessoas envelhecidas. Falas carregadas de caracterizações físicas como cabelos brancos, pele com flacidez, um certo grau de curvatura na coluna e sobretudo a dor na execução das tarefas do cotidiano presente na vida dessas pessoas.

Na mitologia grega encontrei a representação da velhice por meio das Greias: três mulheres envelhecidas, com seus aspectos numa mescla de traços humanos e animais, que têm a peculiaridade de já terem nascido velhas e compartilharem um único olho e um único dente. Outra figura que aparece é a de Perseu, que após sua “carreira” de muitas lutas e vitórias, encaminha-se para a velhice como um homem de vida sedentária, barrigudo, sem aventuras instigantes e levando uma vida “insossa”. Dentro desse cenário grego também é apontada a leveza da velhice por deter os conhecimentos do saber-agir para enfrentar e solucionar as situações de perigo. (SANTANA, 2017).

Figura 1: Representação das Greias



Fonte: Mitologia Deuses Gregos. Disponível em <https://deusesgregos.com.br/greias/> Acesso em: 15/11/2024

No âmbito religioso, trago algumas demonstrações de como são retratados os mais velhos, como exemplo nas manifestações de matriz africana: “Na cultura afro-brasileira,

especificamente no Candomblé, os idosos e neste caso, as mulheres idosas, recebem um tratamento diferente daquele que é tido muitas vezes fora do ilê” (FERREIRA E DONATO, 2017, p. 35).

As autoras acrescentam, ainda, que:

Nanã é um orixá feminino mais velho, no que se refere ao tema que está sendo tratada ela é um exemplo dentro da mitologia afro-religiosa que demonstra evidentemente o que queremos dizer quando falamos que àmulher idosa é dado um sentido diferente daquele que há na sociedade ampla.

Por sua vez, Botelho e Nascimento (2012, p. 80) referem que: “A educação religiosa dos candomblés retrata a educação tradicional africana para a vida. Da infância à velhice, todas as pessoas são tratadas igualmente e todas têm direito de ser educadas”.

Figura 2: Representação de envelhecimento na religião de matriz africana



Fonte: Artes do Imaginário Brasileiro, 2022. Disponível em: <https://imaginariobrasileiro.com.br/blogs/news/preto-velho-simbologias-crencas-e-protecao-dos-corpos>. Acesso em: 10/11/2024

Notei durante as pesquisas, uma valorização e, por vezes, uma centralidade, dos mais velhos nesses contextos. A cultura de matriz africana distancia seus discursos e práticas do reducionismo biológico que traz consigo os estereótipos, valorizando a ancestralidade e com isso, atribuindo ao envelhecimento um outro olhar.

No que tange aos povos indígenas, notei nos registros históricos a valorização e respeito como marcas das comunidades, uma vez que as figuras de liderança geralmente são compostas por pessoas mais velhas das aldeias. Além da tomada de decisões e conhecimentos em geral, os indígenas mais velhos também são responsáveis pela transmissão dos hábitos e costumes às novas gerações que vão surgindo, de modo a não deixá-los acabar. Durante a pesquisa, encontrei uma lenda indígena que diz:

Uma tribo de índios vivia feliz em sua terra, até que começou a faltar alimento. Os índios resolveram, então, partir em busca de terras melhores. Um velho não pode acompanhá-los, porque não tinha forças suficientes. Sua jovem filha, Yarí, decidiu ficar na aldeia abandonada, para cuidá-lo e protegê-lo. Ficaram sós na aldeia. Yarí trabalhava muito e seu pai sempre lhe dizia que partisse ao encontro da tribo. Ela se negava. O tempo foi passando... Um dia apareceu um estranho na aldeia abandonada. Pedi ajuda. O velho e sua filha pouco tinham para dar, mas acolheram o viajante e repartiram com ele tudo o que possuíam. Agradecido pela hospitalidade, o estranho disse que era mensageiro de Tupã, com poderes para realizar os desejos do velho índio. Este, então, pediu um amigo que ficasse sempre ao seu lado, para que Yarí pudesse partir. O viajante lhe ofereceu um amigo: a ervamate. Disse-lhe que plantasse, cuidasse dela, e depois colhesse. Então fervesse e bebesse, assim suas forças voltariam!: - Yarí pode seguir a tribo, falou o velho. :- Não, meu pai, mesmo que não precise mais de mim, eu ficarei! O estranho comoveu-se com Yarí e lhe disse: - Você será a Deusa protetora dos ervais! Será a Cáa-Yarí! (JESUS, 2021, p.32)

Figura 3: Representação do envelhecimento para os povos indígenas



Fonte: Revista Cenarium, 2023. Disponível em: <https://revistacenarium.com.br/ministerio-seleciona-projetos-que-atuam-pela-valorizacao-de-pessoas-idosas-em-comunidades-tradicionais/>. Acesso em: 15/9/2024

Ainda do campo religioso, mas desta vez sob olhar do Cristianismo, o envelhecimento surge envieizado pela cronologia e as marcas do tempo no corpo: “Os dias da nossa vida chegam a setenta anos, e se alguns, pela sua robustez, chegam a oitenta anos, o orgulho deles é canseira e enfado, pois cedo se corta e vamos voando”. (BÍBLIA, 2011) - Salmos 90:10.

Além disso, também na bíblia é dito sobre essa fase da vida que: “Na velhice ainda darão frutos; serão viçosos e florescentes [...].” (BÍBLIA, 2011) - Salmos 92,14.

Figura 4: Representação do envelhecimento no Cristianismo



Fonte: Sites de Curiosidades, 2014. Disponível em: <https://sitedecuriosidades.com/curiosidade/quais-as-pessoas-mais-velhas-ja-citadas-da-biblia.html> /. Acesso em: 09/03/2024

Percebo, portanto, que o olhar do cristianismo retrata a vertente que atrela a velhice ao cansaço. Por outro lado, noto menção à potencial possibilidade de criação da pessoa idosa no meio em que vive.

O emaranhado de informações quer seja do campo religioso, quanto do científico, do mítico ou do senso comum, se propõe a fornecer conceitos e representações sobre o fenômeno do envelhecimento. A sociedade, nesse sentido, molda os seu pensamento a partir desses campos, projetando nos sujeitos aquilo que lhe foi reproduzido, perpassando geracionalmente os mesmos modelos.

2.1 Representações sobre o envelhecer

A relação entre corporeidade e envelhecimento é complexa e multifacetada. À medida que a pessoa envelhece, o corpo passa por inúmeras mudanças físicas e funcionais, incluindo perda de massa muscular, diminuição da densidade óssea e alterações na capacidade cognitiva. Além disso, o envelhecimento também pode afetar a percepção sobre a própria corporeidade, incluindo questões de autoimagem e autoestima.

Historicamente, de acordo com Feriancic (2003, p. 142), “na velhice, é comum que apenas o corpo físico seja objeto de atenção dos familiares e dos agentes de saúde”. Sobre essa questão, as ciências médicas, em especial, a Geriatria, surgiu justamente na perspectiva de explicar o homem em seu caráter fisiológico.

Figura 5: Pessoa envelhecida sobre um leito



Fonte: Simioblog Humanitas, 2015. Disponível em: <http://www.semioblog.website/2015/04/>. Acesso em:
09/03/2024

Com o passar do tempo, houve a necessidade de ampliação de olhar sobre o fenômeno do envelhecer, como elucida Secco (1999, p. 1), ao afirmar que:

Definir a categoria velhice parece, à primeira vista, tarefa bastante simples. No entanto, é, na realidade, uma questão imensamente complexa, pois implica múltiplas dimensões: a biológica, a cronológica, a psicológica, a existencial, a cultural, a social, a econômica, a política, entre outras.

Nessa mesma linha de pensamento, Arcuri (2003, p. 100) pontua que: “o envelhecimento tem várias dimensões, não podendo ser entendido apenas dentro de uma única perspectiva, pois o homem é multidimensional”. Ao passo em que envelheço, a corporeidade não apenas passa por mudanças físicas, mas também pode repercutir na saúde mental e emocional. Muitas vezes, o envelhecimento está associado a uma maior sensibilização sobre o corpo, especialmente quando lido com questões como dor crônica, mobilidade reduzida ou doenças crônicas, podendo afetar a autoestima, levando a desafios emocionais, como ansiedade e depressão.

Por isso, a construção da imagem da pessoa idosa na sociedade ocidental, cada vez mais ganha relevância, como afirma Cachioni (2003, p. 218), pontuando que: “conhecimentos e crenças sobre a velhice têm um papel fundamental na determinação da maneira pela qual as pessoas entendem e lidam com a velhice e o processo de envelhecimento”. A sociedade, por exemplo, criou e carrega consigo os padrões de beleza e juventude que podem impactar a maneira como os idosos se veem e são vistos pelos outros. A mídia e a publicidade frequentemente promovem uma imagem do corpo jovem e idealizada, o que pode levar os idosos a se sentirem invisíveis ou inadequados.

Figura 6: Escultura grega simbolizando a juventude



Fonte: Luke's Daily Apple, 2014. Disponível em: <https://lukesdailyapple.wordpress.com/2014/06/>. Acesso em 09/03/2024.

No entanto, é importante reconhecer e celebrar a diversidade de corpos e experiências ao longo do ciclo da vida. Ao envelhecer, posso encontrar novas formas de me conectar com o meu corpo e explorar atividades que sejam promotoras do bem-estar físico, mental e emocional. Para Cachioni (2003, p. 129): “as várias possibilidades do envelhecimento refletem-se nas atitudes perante o envelhecimento físico, as relações com o trabalho, os aspectos psicossociais, a vida familiar, a rede de suporte afetivo e o bem-estar subjetivo dos idosos e vice-versa.

Compreender a relação entre corporeidade e envelhecimento também envolve considerar a importância da autonomia e da independência na vida dos idosos. Conforme vou envelhecendo, posso enfrentar desafios relacionados à mobilidade e à funcionalidade física, o que pode impactar a minha capacidade de realizar atividades cotidianas. Isso pode afetar a sensação de autonomia e autoestima. Tais especificidades desse momento revelam algumas características construídas historicamente, como:

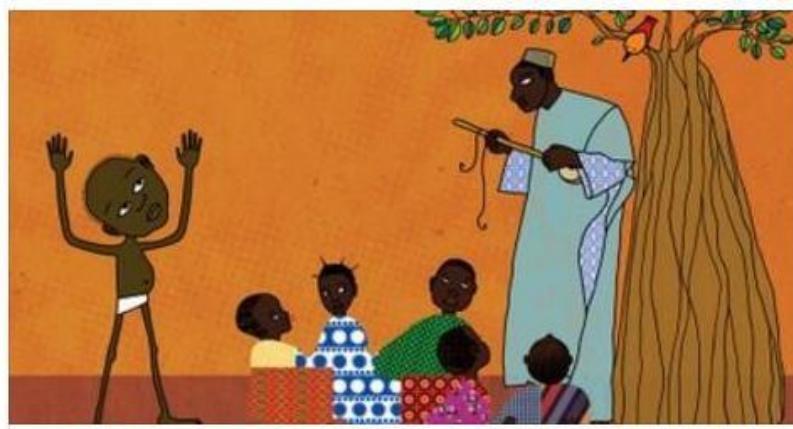
Os velhos se configuram como uma categoria independente da sociedade, separados como grupo com características próprias. É óbvio que partilhem de características comuns, mas o fato curioso é que esta diferenciação supõe maior separação do resto da sociedade do que a experimentada por outros grupos sociais: crianças, adultos, trabalhadores, funcionários públicos etc. A velhice separa mais os idosos dos concidadãos do que outros atributos cronológicos ou sociais. Suscita reações negativas e não é somente uma variável descritiva da condição da pessoa, como a aparência física, o estado de saúde, o sexo etc. (MORAGAS, 2010, p. 21-22).

Nesse aspecto das relações humanas, a forma como a sociedade percebe e trata os idosos também desempenha um papel de relevância na experiência do envelhecimento. O estigma relacionado à idade pode levar à discriminação, marginalização e exclusão social, afetando negativamente o emocional e a participação do idoso na comunidade.

No entanto, se faz necessário reconhecer que a velhice também pode ser uma fase de crescimento pessoal, autodescoberta e novas oportunidades. Muitos idosos encontram significados e satisfação em atividades que outrora não se dispunham a fazer.

Além dos aspectos mencionados, é importante destacar que a relação entre corpo e envelhecimento também pode ser influenciada por fatores culturais, econômicos e ambientais. Em diferentes culturas, as atitudes em relação à velhice variam, o que pode afetar a forma como os idosos são percebidos e tratados pela sociedade. Na sociedade africana, por exemplo, há destaque para hábitos e costumes perpassados por meio dos mais velhos às gerações mais novas. A ancestralidade como modo de dar continuidade à cultura.

Figura 7: Pessoa envelhecida como sinônimo de geracionalidade e transmissão de cultura na África



Fonte: Cabeças Falantes, 2015. Disponível em: <https://tamboresfalantes.blogspot.com/2015/12/arquivo-gratis-com-34-contos-africanos.html>. Acesso em: 09/03/2024.

Já na realidade asiática, os idosos são reverenciados e valorizados por sua sabedoria e experiência. Nesse contexto, a expectativa de vida costuma ser bem elevada.

Figura 8: Pessoas envelhecidas simbolizando sabedoria e respeito na cultura asiática



Fonte: Revista Amanhã, 2019. Disponível em: <https://amanha.com.br/categoria/mundo/asia-em-2030-mais-velha-e-mais-rica>. Acesso em: 09/03/2024.

Os anciões indígenas por sua vez, carregam consigo o papel de liderança diante da tribo. Também são detentores de sabedoria, principalmente no que diz respeito à natureza e seu funcionamento. O respeito é um sentimento que predomina nos mais jovens em relação aos caciques.

Figura 9: Cacique na cultura indígena representa liderança, sabedoria e respeito



Fonte: El País, 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-07-19/cacique-raoni-voz-global-da-defesa-dos-indigenas-e-do-ambiente-e-internado-em-terapia-intensiva.html>. Acesso em: 10/03/2024.

Na sociedade brasileira, inclusive nas representadas nas telenovelas, os mais velhos podem ser vistos como um fardo ou uma responsabilidade, muito embora estes desempenhem funções como a de cuidar dos netos, bisnetos. Essas atitudes, que são do âmbito cultural, podem impactar a autoestima e o bem-estar emocional dos idosos, bem como determinar o nível de apoio e recursos disponíveis para eles.

Figura 10: Pessoas envelhecidas no Brasil com o papel de criação dos netos



Fonte: IG Gente, 2020. Disponível em: <https://gente.ig.com.br/tvenovela/2020-10-01/regiane-alves-faz-homenagem-ao-dia-do-idoso-com-foto-de-doris-com-os-avos.html>. Acesso em: 10/03/2024.

Na imagem acima, observei e rememorei as tristes cenas da telenovela “Mulheres Apaixonadas”, transmitida pela Rede Globo em 2003, onde a personagem “Dora” maltratava por diversas vezes seus avós “Flora e Leopoldo”. A novela, que teve grande repercussão nacional, certamente sensibilizou e fortaleceu a luta em favor da aprovação do Estatuto do Idoso.

Ainda no campo midiático, observo ao longo do tempo uma ampliação e aposta do “mercado” em oferecer à sociedade, sobretudo, os mais velhos, medicamentos, procedimentos estéticos e práticas de atividades físicas perpassando viéses mercantilistas e com promessa de rejuvenescimento. Comerciais nos intervalos do jornais e novelas, outdoors espalhados pela cidade e anúncios nas redes sociais geram atração aos olhares desses sujeitos.

Figura 11: Representação do envelhecimento nas mídias



Fonte: DreamsTime. Disponível em: <https://pt.dreamstime.com/idosos-que-se-estendem-na-academia-grupo-de-fazem-exerc%C3%ADcios-longamento-juntos-no-centro-aposentadoria-homens-e-mulheres-idosas-image217898450>.

Acesso em: 10/11/2024

As diferentes realidades mencionadas apontam para o quanto diversas e complexas são as relações interpessoais estabelecidas entre as pessoas idosas e aqueles que as rodeiam. Assim como as relações com os seus corpos o que demonstra que não cabe estabelecer uma generalização sobre um possível perfil do ser idoso, até mesmo dentro de um país.

Muitos fatores atravessam o processo de envelhecimento de cada ser humano. Entre eles, podem ser citados, as condições financeiras, a rede de apoio familiar, o acesso à saúde, dentre outros importantes indicadores que poderia mencionar aqui.

Contudo, numa escala macro, tenho percebido um movimento que diz respeito à discussão da forma como se reportar a este público, uma vez que determinados termos sugerem ser pejorativos ou ultrapassados. Sobre esse fenômeno, Pereira (2003, p. 21), afirma que: “velhice, envelhecimento, velho, idoso ou terceira idade, são termos tão significativos para o ser humano, que a cada momento se tornam mais amenos para não se configurarem em algo aversivo para a faixa etária/público influenciado por esta etapa.”

Diante dos muitos impasses e debates que se levantam ao tratar desse assunto, a seguir, apresento com maior nitidez e riqueza de detalhes, por quais motivos defendo a utilização da terminologia “velho” em detrimento das demais criadas ao longo do tempo. Levanto, portanto, diversos questionamentos que se direcionam a vários mitos que circuncidam o envelhecimento em nossa sociedade.

2.2 Questionando a imagem social do envelhecimento

Quando assisto a uma propaganda televisiva, vejo um anúncio num *outdoor* ou ouço conversas nas ruas, a imagem que na grande maioria das vezes comparece quando se trata do envelhecimento são aspectos negativos, depreciativos. O retrato ou a caricatura imediata que se forma é de um ser abatido, sem perspectivas que lhes deem algum ânimo, vitalidade.

Nesse contexto, de acordo com Pereira (2003, p. 21), “A imagem da velhice, considerando escritas, gravuras e pinturas, geralmente aparece de forma negativa, prevalecendo a miséria, a morte e a deformação atrelada ao mal da raça humana.”. Observo que tratar sobre a temática do envelhecer gera até um certo “desconforto”, já que essa fase da vida, como já foi dito, traz consigo algumas perdas físicas. Dialogando com essa realidade, Arcuri (2003, p. 100), diz que:

O envelhecimento é visto pelo conjunto da sociedade como um tabu, como algo desagradável e que, portanto, deve ser negado. Lidar com as questões da velhice e do envelhecer, tanto nosso quanto do outro, requer uma abertura especial. Temos de ter a compreensão do envelhecimento como uma totalidade que não é simples e tampouco abstrata.

Grande parte dessa visão puramente ou majoritariamente biologista que é apregoada, corresponde a uma construção histórica feita sobre a pessoa envelhecida. Durante esse percurso, diversos fatores colaboraram para a robustez e a propagação desse tipo de discurso, tais como a própria supremacia do saber médico acima das outras ciências e também as mídias com suas derivações. Como exemplo na televisão brasileira, destaco a personagem Dona Benta, de Monteiro Lobato na obra “O Sítio do Pica-Pau Amarelo”, que cuidava dos netos, contava histórias e cuidava do sítio a qual era dona.

Figura 12: Retrato de “Dona Benta”, personagem de Monteiro Lobato



Fonte: Sítio do Pica-Pau Amarelo, 2014. Disponível em: <https://sitio.pmvs.pt/blog/2014/07/03/d-benta/>.
Acesso em 10/03/2024.

Com características de uma senhora aposentada, de vida pacata numa propriedade rural, cercada de netos e com tarefas estritamente voltadas ao ambiente do lar, Dona Benta reproduz aquilo que teoricamente se espera de uma pessoa que alcançou a velhice. As representações sociais do “ser velho” em nossa sociedade sugerem casar muito bem com a personagem, ainda que o enredo se passe num contexto ruralizado.

Na literatura, embora haja divergências no trato com a temática da “velhice”, muitos poemas e poesias relatam a figura do velho com pesar. Assim, evidenciam o cansaço, o desgaste dos órgãos e a proximidade com a morte tal como (MEIRELES, 1958):

A Velhice Pede Desculpas - Cecília Meireles, in Poemas 1958

Tão velho estou como árvore no inverno,
vulcão sufocado, pássaro sonolento.
Tão velho estou, de pálpebras baixas,
acostumado apenas ao som das músicas,
à forma das letras.
Fere-me a luz das lâmpadas, o grito frenético
dos provisórios dias do mundo:
Mas há um sol eterno, eterno e brando
e uma voz que não me canso, muito longe, de ouvir.
Desculpai-me esta face, que se fez resignada:
já não é a minha, mas a do tempo,
com seus muitos episódios.
Desculpai-me não ser bem eu:
mas um fantasma de tudo.
Recebereis em mim muitos mil anos, é certo,
com suas sombras, porém, suas intermináveis sombras.
Desculpai-me viver ainda:
que os destroços, mesmo os da maior glória,
são na verdade só destroços, destroços.

Vi, no poema acima, um vocabulário utilizado na licença poética, uma caricatura naturalizada de como se apresenta o estado da velhice, após passar por tantos acontecimentos familiares, no trabalho, enfim, na vida daquele sujeito. Para Moragas (2010, p. 33) “Os idosos têm limitações biológicas, mas também muitas outras capacidades do que as divulgadas pelos estereótipos”.

Noutra perspectiva, apresento a seguir um outro poema conforme (BILAC, 2001). Por sua vez, carregado de uma conotação mais amena, sem tantos marcos estereotipantes de sujeito velho. Isso mostra que é possível tecer conteúdo artístico sobre determinado assunto sem que haja reforçamento de ideias pré-concebidas que não são um retrato fidedigno da realidade vivencial de cada um.

A velhice - Olavo Bilac

Olha estas velhas árvores, mais belas
Do que as árvores moças, mais amigas,
Tanto mais belas quanto mais antigas,
Vencedoras da idade e das procelas...
O homem, a fera e o inseto, à sombra delas
Vivem, livres da fome e de fadigas:
E em seus galhos abrigam-se as cantigas
E os amores das aves tagarelas.
Não choremos, amigo, a mocidade!
Envelheçamos rindo. Envelheçamos
Como as árvores fortes envelhecem,
Na glória de alegria e da bondade,
Agasalhando os pássaros nos ramos,
Dando sombra e consolo aos que padecem!

Diante das duas produções literárias, é fundamental ter a noção de que as pessoas são moldadas por construções históricas, mas que isto não as determina, tampouco deve cristalizar os saberes de forma a serem dogmáticos. Dor, cansaço e algum sofrimento podem sim alcançar a muitas pessoas envelhecendo, mas é vital ter a ciência de que tais características não limitam as pessoas a ponto de retirarem o prazer de suas próprias vidas.

Tais formas reducionistas de enxergar o fenômeno advém de uma lógica positivista¹. Nesse sentido, têm por objetivo categorizar as fases do desenvolvimento, de modo a torná-las mais didáticas de serem ensinadas e aprendidas.

Não se trata de negar os benefícios e praticidade das categorizações, mas reitero a necessidade de observar os fenômenos em geral, aqui em destaque o envelhecimento, por lentes que não sejam necessariamente da naturalização. Considero que, no transcorrer do desenvolvimento científico, outras formas de conhecer o objeto não precisam perpassar pela via da “explicação”, mas ter a “compreensão” como alternativa válida e viável frente à complexidade das coisas. Arcuri (2003, p. 98), escrevendo sobre essa postura, diz que:

A leitura que fazemos do envelhecimento pode nos trazer sabedoria, se percebermos a sutileza que há nas entrelinhas. Ou seja, é preciso romper com os estereótipos impostos socialmente e se lançar ao desconhecido sem medo – ou, pelo menos, continuar prosseguindo apesar do medo.

Romper com o pensamento predominante da naturalista é essencial, embora dificultoso, já que fui ensinado desde pequeno a seguir esta linha de raciocínio além de ser bombardeado cotidianamente por informações que adotam e seguem essa lógica. Ao propiciar uma nova forma de estudar a questão, proponho uma ampliação dos horizontes do fenômeno, mas sem recair na demasiada presunção a qual se assentou o Positivismo.

Como possibilidade de esforço à compreensão do fenômeno, proponho a utilização de epistemologias, metodologias e métodos menos agressivos no que diz respeito à métrica, à generalização. Embora entenda a função e o valor destas no meio científico, analiso que, olhando por um prisma mais filosófico, possivelmente chego a outros achados, outros dados que não necessariamente são de um coletivo.

Atribuir valor à vivência de cada um se apresenta como um caminho que busca

¹ no âmbito de uma tendência positivista, onde o método das Ciências Naturais é estendido, inclusive, às Ciências Humanas, como a Psicologia; no âmbito do Naturalismo, comprometendo as relações sujeito-objeto; em sinalizações constantes de que o conhecimento de uma forma geral pode ser resolvido por análises voltadas aos processos físico-químicos, excluindo, pois, as iniciativas filosóficas. (ROCHA, 2018, p. 127-128)

salvaguardar a unicidade das experiências, sem se preocupar se aquilo é generalizável ou não. Para Secco (1999, p. 1):

Conceituar uma pessoa como velha, só porque atingiu uma soma razoável de anos, é medir a velhice por um critério apenas cronológico. É esquecer sua dimensão temporal subjetiva. O tempo vivido pode ser um reservatório de experiências acumuladas.

Nesse novo percurso que decidi trilhar em direção à compreensão do fenômeno do envelhecimento, realizo o exercício de me distanciar de conceitos e concepções fisiológicas. Ao mesmo tempo busco me aproximar de relatos, características e vivências que aprofundem a imensidão do ser, dotado de sociabilidades, histórias de vida e liberdade de ser quem o é de fato.

Com o aumento exponencial da população envelhecida, é cada vez mais necessário a atuação com um olhar ampliado sobre os diversos acontecimentos que atravessam esse processo de envelhecimento. Por isso, é notório o ganho de espaço que as equipes multiprofissionais têm tido nos mais diversos contextos que atuam junto a esse público. De fisioterapeutas a Psicólogos, o grande desafio dos tempos atuais diz respeito ao tratamento integral das pessoas idosas.

Para isso, validar as experiências individuais é, principalmente na Psicologia, uma forte aliada quando eu desejo promover escuta, acolhimento à uma determinada pessoa. Além de não atribuir julgamentos ao que o outro me traz, é de fundamental relevância a evitação de associações de casos similares entre os velhos. Tchakmakian e Frangella (2003, p. 124), alertam que: “essa população grisalha, entretanto, não é homogênea e não podemos fazer afirmações gerais sobre ela. Cada pessoa idosa é um indivíduo e o profissional da saúde deve ser muito consciencioso e evitar estereotipação.” Embora muitas características pareçam gerais, as singularidades de cada vida ali presente, junto com suas marcas, sofrimentos e histórias, devem ser respeitadas e preservadas em sua unicidade.

Desconstruir algumas visões que tenho sobre o envelhecimento é uma atitude necessária. Este exercício parecece como uma ótima oportunidade para explorar como a sociedade vê o processo de envelhecimento e como as pessoas podem encontrar significado e propósito em diferentes fases da vida.

Ao passo em que as discussões se encontram e ainda serão ampliadas dentro dessa temática, os rótulos negativos atribuídos ao ser velho cedem espaço a abertura de novas vivências, mesmo sabendo de suas possíveis limitações corpóreas. O que está em questão é a vitalidade e qualidade de vida, ainda na velhice. Não entendo essa fase da vida como acabada, estagnada, mas como franca possibilitadora de experiências prazerosas.

2.3 O envelhecimento na contemporaneidade

O fenômeno do envelhecimento na história da humanidade recebeu registros em diferentes formatos, tais como: esculturas, quadros, filmes, jornais, revistas, dentre outras representações artísticas. A seguir, apresento como a velhice era vivida e retratada no cerne da historicidade.

Entre os povos de sociedades antigas, é importante salientar que a expectativa de vida nesse momento não era tão alta como temos nos dias atuais. Os perigos ambientais, os poucos conhecimentos e recursos medicinais impunham possíveis mortes precoces às pessoas daquela época.

Figura 13: Representação gráfica de uma pessoa envelhecida em povos coletivistas



Fonte: Escola Kids – UOL, 2018. Disponível em: <https://escolakids.uol.com.br/historia/pre-historia.htm>. Acesso em: 11/03/2024.

Entretanto, embora tenhamos limitadas evidências diretas sobre esta vivência, é possível perceber que a velhice nesse contexto envolvia desafios significativos devido às condições de vida árduas, como a escassez de recursos, perigos naturais e competição por alimentos. Os mais velhos, provavelmente, desempenhavam papéis importantes como guardiões do conhecimento e da cultura, contribuindo para a sobrevivência do grupo com sua experiência acumulada. De acordo com De Freitas e Da Costa (2011, p. 203):

Na antiguidade, a cultura de um povo era transmitida de pai para filho, de geração para geração, apenas por meio da oralidade, sendo a memória humana que conservava as histórias, as crenças, os costumes das pessoas, de indivíduos que viveram, participaram dessa esfera cultural e outros fatos relatados por seus antepassados.

A antiguidade ressalta a velhice associada à sabedoria e respeito, especialmente entre os gregos e romanos. Os mais velhos muitas vezes ocupavam papéis de liderança na sociedade e eram consultados em questões importantes. No entanto, a expectativa de vida era significativamente menor do que nos dias atuais, e as condições de vida nem sempre favoráveis para as pessoas envelhecidas. Em algumas culturas, como na Grécia antiga, havia uma reverência especial pelos velhos, enquanto em outras, como na Roma antiga, o tratamento podia variar dependendo da situação e das normas sociais da época.

As poucas pessoas que conseguiam chegar à velhice no Egito eram muito respeitadas. Nunca eram ridicularizados. A expectativa de vida era curta, girava em torno de 34 anos. Suas palavras e conselhos - acreditavam que os idosos tinham grande sabedoria e experiência - eram tidos quase como leis. Também protegiam os idosos. A sociedade egípcia dizia que eles viviam em um estado de "amaku", que consistia em assegurar-lhes o alimento e o bem estar durante essa crucial etapa da vida.

Figura 14: Pessoa envelhecida no cotidiano do Egito Antigo



Fonte: Toda Matéria, 2022. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/egito-antigo/>. Acesso em: 11/03/2024.

Na Europa Medieval, por sua vez, associada ao sistema feudal, às cruzadas e a influência exercida pela Igreja católica, a velhice recebia grande destaque entre os nobres e clérigos. No entanto, a velhice poderia ser difícil devido à falta de apoio social e os desafios de saúde associados à época. Muitos velhos dependiam de suas famílias para cuidados e sustento.

Figura 15: Pessoa envelhecida no período Medieval.



Fonte: Aventuras na História, 2020. Disponível em:

<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/almanaque/historia-seres-humanos-viviam-muito-mais-que-se-imaginava-idade-media.phtml>. Acesso em: 12/03/2024.

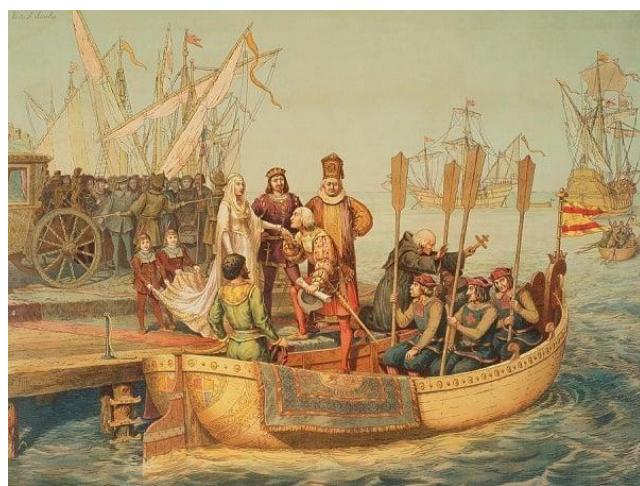
Nesse momento da História, o envelhecimento também podia ser visto como um sinal de fraqueza e decadência física, especialmente em uma sociedade onde o trabalho manual era predominante e a saúde, muitas vezes, precária. Secco (1999, p. 9) assinala que:

[...] os ideais das Cruzadas que destacavam a virilidade e a coragem dos jovens cavaleiros. O velho, de modo geral, nessa época, deixa de ser celebrado e passa a ser considerado ridículo e decrepito, geralmente, é representado pela figura do ancião avarento a tossir e escarrar.

Em outra via, para os nobres e clérigos, a velhice trazia consigo prestígio e poder, com este público frequentemente ocupando cargos de liderança e aconselhamento. Para as camadas mais baixas, esta fase da vida poderia significar enfrentar a pobreza e a marginalização, com poucas redes de segurança social e cuidados médicos limitados disponíveis.

A modernidade demonstra que a concepção da velhice começou a mudar devido aos avanços médicos e sociais. Houve uma valorização crescente da experiência e sabedoria dos mais velhos, embora ainda fossem deixados à margem da sociedade com uma certa frequência. A expectativa de vida aumentou em algumas áreas, resultando em uma população envelhecida mais numerosa, se comparada aos períodos históricos anteriores.

Figura 16: Pessoa envelhecida compondo a tripulação expedicionária



Fonte: Enem Gratuito, 2019. Disponível em: <https://cursoenemgratuito.com.br/grandes-navegacoes/>. Acesso em: 12/03/2024.

Nesse momento, destaco alguns marcos, como o início das grandes navegações (Ver figura 16), onde os mais velhos ocupavam papéis de conhecimentos técnicos sobre cartografia, os oceanos, além de cargos atrelados à Igreja Católica, em sua política de expansão religiosa

pela catequese. À medida que o tempo passou, eventos como o Iluminismo e o Renascimento também tiveram a forte presença da velhice, por meio de seus grandes pensadores e das obras artísticas produzidas nesse contexto. Entretanto:

Nesse período, a maioria das obras mostrava contrastes entre os corpos jovens e os idosos que, em alguns casos, eram realçados por pinceladas que tornavam mais evidente a diferença entre as idades do homem. Identificavam a velhice como uma fase progressiva da vida, que apresentava problemas inerentes à época e se relacionava, principalmente, com o declínio do corpo. (FILHO, GOMES E BEZERRA, 2021, p. 441).

Figura 17: Pintura renascentista retratando a velhice



Fonte: Canal do educador – UOL, 2017. Disponível em: <https://educador.brasilescola.uol.com.br/estrategias-ensino/os-valores-renascimento.htm>. Acesso em 12/03/2024.

Figura 18: Pessoas envelhecidas no período Iluminista



Fonte: Toda Matéria, 2020. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/iluminismo/>. Acesso em: 12/03/2024.

Nessa conjuntura, profundas transformações no tecido social foram impactando toda a sociedade, bem como seus modos de funcionamento. Com a Revolução urbana e industrial, as cidades ganharam contornos dinâmicos, onde as relações foram profundamente afetadas pelo sistema vigente: o Capitalismo.

Se outrora as relações comerciais se davam por meio da troca de mercadorias – escambo, em seguida, nas grandes propriedades rurais – feudos e depois na relação exploratória entre as “metrópoles” e as “colônias”, agora, já com os intercâmbios intercontinentais consolidados, houve um aumento exponencial na relação produção-consumo. Nesse ambiente de extrema competição econômica, principalmente pela Europa e nos Estados Unidos da América, as cidades ganharam contornos de hostilidade contra tudo aquilo que não se adequava ao modo de produção.

A rapidez, versatilidade e resistência a intensas jornadas de trabalho certamente impactaram a vida de muitas pessoas. Os mais velhos por sua vez, por conta de suas questões biológicas, foram perdendo espaço no contexto fabril vigente naquela época. Ao analisar a caricatura da contemporaneidade, Moragas (2010, p. 143) afirma que:

O mundo contemporâneo se converte, cada vez mais, em patrimônio dos jovens, pelo menos nos cargos de poder, e isso por causa das condições de desempenho do cargo (muitas tensões, ritmos esgotadores, jornadas prolongadas), que as tornam indesejáveis para a população idosa. Existem verdadeiras barreiras para o desempenho, pelos idosos, dos cargos políticos atuais, mais baseados nos requisitos psíquicos e sociais exigíveis do que em barreiras ideológicas ou em preconceitos.

Embora muitas mudanças em termos estruturais (prédios, maquinários, código de leis) tenham acontecido desde a Primeira Revolução Industrial aos dias atuais, muitos fatores abstratos ainda favorecem a não empregabilidade dos mais velhos. Ainda nesse contexto, Moragas (2010) afirma que:

Na sociedade industrial, o papel do idoso é equívoco ou nulo, fruto mais da regulamentação de leis que do apreço social real. Este é o caso de toda política estatal protetora, desde a assistência à saúde, aos pequenos privilégios administrativos, econômicos, serviços gratuitos ou a preços reduzidos”. (p. 118).

Essa realidade de segregação aponta inicialmente para uma valorização da juventude na questão trabalhista. Mas, à medida que avanço na análise, percebo que outras áreas da vida social também eram afetadas.

Para Silva (2002, p. 3), “ser idoso e viver em uma sociedade em que o belo, o poder, a potência e a produtividade são as qualidades valorizadas, são fatores que funcionam como desencadeadores daquilo que o autor define como a cultura do narcisismo”. Noutras palavras, questões de ordem psicológica e sociais também foram e estão afetando os velhos por conta desse modelo e lógica vigente.

Mesmo diante de tantos obstáculos, os mais velhos conseguem, de uma forma ou outra,

empreender “carreiras” no mundo do trabalho, chegando, então, na tão esperada aposentadoria. Sobre esse momento, Silva (2002, p. 16) pontua que:

Em nossa sociedade, a velhice é um processo que caracteriza a posição do indivíduo depois de receber um registro social, a aposentadoria, mas, para evitar esse termo pejorativo, costuma-se usar terceira idade, maioridade etc. O aposentado é chamado também de inativo. Inativo de quê? Da vida? Quando o processo vivenciado pelo indivíduo é de espera, de finitude o entendemos como velhice. Essa definição de estado deixa marcas, é o fim da atividade produtiva vivenciada como uma perda, marcando o seu final.

Com uma certa seguridade em termos financeiros, o velho, agora, desfruta de algum prestígio social, já que a partir de agora, ele dispõe de uma fonte de renda segura, a qual não lhe pode ser negada, mexida. O capitalismo, com sua sagacidade e voracidade, percebeu esta mudança sócio-monetária atrelada à figura da velhice e articulou formas de obter ganhos em cima disso. Arcuri (2003, p. 100) considera que:

Na modernidade, há uma desconstrução ideológica da categoria velhice, em relação às doenças tidas como próprias da velhice. São propostas formas preventivas para se chegar à velhice saudável. Há, também, mudanças quanto ao mercado consumidor, pois, com a aposentadoria privada, alguns velhos passam também a ser consumidores, ou seja, o velho com recursos pode ser um velho que é capaz de utilizar a moda, prover manutenção do corpo, etc.

Com esse quadro, houve, então, uma reconfiguração do que se entendia por velhice, tanto em termos conceituais, como principalmente, no quesito qualidade de vida e busca por felicidade. Arcuri (2003, p. 97) afirma que: “Na modernidade, passamos a considerar a velhice como um estágio importante para o desenvolvimento humano, não como anteriormente era visto, quase como uma fase terminal da existência.”. Entretanto, é evidente que, para alcançar tais patamares, os indivíduos devem dispor de uma quantidade mínima de recursos financeiros.

Outra característica desse novo momento pós mercado de trabalho repousa nos papéis e grupos sociais as quais os velhos desempenham e estão inseridos. Moragas (2010, p. 157), fala que: “os idosos das famílias contemporâneas não são somente avós, mas também bisavós e trisavós, e os laços geracionais que antigamente se reduziam a três gerações atualmente chegam a quatro ou cinco.”. Com os grandes avanços da comunidade científica, a longevidade alcançou e tem, gradativamente, alcançado cada vez mais pessoas.

Com o entrelaçamento das gerações, muitas mudanças acontecem no seio da sociedade. Conflitos, estranhamentos e mudanças de hábitos comparecem com maior assiduidade no que, outrora, era caracterizado por extrema rigidez e baixa probabilidade de mutação. Sobre essa realidade, Moragas (2010, p. 173), considera que:

As diferenças culturais também são muito importantes nas relações entre filhos e pais idosos, sendo tradicional a diferença entre a independência do Ocidente e a assistência contínua até o final da vida, nas culturas orientais. Entretanto, também nestas estão mudando as normas, a intensidade e a frequência das relações. Isto parece ter maior relação com o estágio do desenvolvimento econômico do que com o sistema cultural, como se pode comprovar na China e no Japão contemporâneos. Por outro lado, quando analisam as sociedades ocidentais agrárias, menos desenvolvidas, constata-se que nelas predominam valores semelhantes aos das sociedades orientais.

Ao longo das temporalidades, percebo o quanto alterados foram as posições, os status e até as aspirações atrelados à velhice. Tamanhas mudanças não foram repentinhas, mas aconteceram com o passar do tempo, ao passo que outras mudanças sociais iam acontecendo. O atual quadro da velhice é complexo, diante do dinâmico mundo em que vivemos. Para Moragas (2010, p. 148),

A velhice normal do passado é, cada vez mais, anormal no presente, em hábitos, ocupações e estilo de vida, pois os idosos são mais diferentes entre si, de diversas idades, com estados de saúde diferentes, preferências variadas e múltiplas aspirações, o que nos leva a crer que, no futuro, o papel dos idosos será muito mais dinâmico.

Figura 19: Representação de pessoas envelhecidas na contemporaneidade



Fonte: Envelhe(S)er – LinkedIn, 2023. Disponível em: <https://www.linkedin.com/newsletters/envelhec-s-er-7076598346013958144/>. Acesso em: 14/03/2024.

Em uma época marcada pela liquidez, flexibilidade e rápidas transformações, caracterizar ou produzir uma definição ou caricatura do “ser velho” não me parece uma tarefa fácil. Os rótulos e estereótipos que ainda insistem em circundar o lindo fenômeno da velhice, devem, cada vez mais, serem tratados como ultrapassados, ao invés das pessoas que nesse momento da vida chegam.

Para tanto, uma força-tarefa de toda sociedade deve ser realizada, a fim de promover mudanças de seu interior, fugindo das superficialidades das datas comemorativas e/ou alusivas à velhice. Nesse sentido, avançar para ganhos mais profundos e concretos é de extrema importância.

Em termos legais, no âmbito brasileiro, o dia 01 de outubro de 2003 é até hoje uma data muito festejada, já que nesse dia foi promulgada a Lei nº 10.741, a famosa normativa criadora do Estatuto do Idoso. Após anos de discussões e defesas da pauta, a classe política aprovou a criação da lei, estando Luís Inácio Lula da Silva como presidente àquela época. Entretanto, como alicerce para tal conquista, Silva (2002, p. 9), sinaliza que:

Começa a haver uma iniciativa mais efetiva por parte dos órgãos governamentais a partir da promulgação da Constituição Federal Brasileira de 5/10/1988, que define um novo conceito de política social, materializando no conjunto de Seguridade Social, a Saúde e a Previdência Social.

Figura 20: Capa do Estatuto do Idoso



Fonte: Amazon.com.br, 2024. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Estatuto-Idoso-10-741-Atualizada-12-899-ebook/dp/B00N3D7IME>. Acesso em 10/11/2024.

Observando a sequência de acontecimentos, é palpável imaginar a viabilidade do Estatuto do Idoso atrelado à promulgação da nova Constituição de 1988. A atenção dada a

alguns segmentos da sociedade tidos como “minorias”, advém justamente de uma valorização e ascensão do campo dos Direitos Humanos na conjuntura nacional. Outro fator que certamente coadunou com a criação desta lei específica, foi a percepção dos governos em relação ao crescimento demográfico da população envelhecida. Cachioni (2003, p. 155), aponta que: “à medida que cresce a população idosa, aumentam as demandas nas áreas de prestação de serviços, pesquisa e políticas públicas, abrindo-se novos espaços ocupacionais.

De 2003 aos dias atuais se passaram pouco mais de 20 anos e olhando pra realidade brasileira, percebo o quanto ainda precisamos avançar enquanto sociedade. Mais do que a lei por si só, a garantia dos direitos dispostos no Estatuto do Idoso precisam ser salvaguardados, entendendo as multifacetadas e complexas relações familiares as quais os velhos estão inseridos.

À medida em que cresce a população envelhecida no país, da mesma forma deveria aumentar a disponibilidade dos serviços públicos voltados para atendimento prioritário e/ou exclusivos para essa parcela da sociedade. Na saúde, por exemplo, em muitos contextos o retrato é de descaso, onde os mais velhos enfrentam longas filas para marcação de exames e consultas médicas, muitas vezes em postos de saúde longe de suas casas e com estruturas deficitárias (arquitetônicas e de recursos humanos disponíveis). Este conjunto de dificuldades acaba impactando na qualidade de vida de muitos destes sujeitos, que se veem obrigados a buscar o serviço privado como alternativa perante a suas necessidades. Nesse momento, em muitas realidades o entorno familiar é convocado a dar suporte financeiro, já que consultas e exames para essa faixa-etária da vida costumam ser custosos.

Se por um lado a ida ao médico se mostra desafiadora, por outro, a aquisição de alimentos também não tem sido tarefa fácil, uma vez que os preços dos produtos estão elevados e o poder de compra dos aposentados parece não acompanhar o ritmo das altas dos preços. O resultado dessa combinação nada salutar se direciona ao adoecimento dos mais velhos.

Uma outra conquista e garantia que o Estatuto dispõe diz respeito à educação, cultura, esporte e ao lazer. Nesse cenário avalio como ligeiramente melhor ao anterior, visto que têm surgido alguns movimentos no meio social que se colocam como propiciadores de entretenimento à esse público. Entretanto, em linhas gerais, estes movimentos nem sempre são de iniciativa do poder público, mas são oriundos de um esforço de coletivos de pessoas simpatizantes da causa que viabilizam momentos esportivos e culturais como forma de suprir a lacuna deixada pelos órgãos governamentais.

Figura 21: Pessoas envelhecidas desenvolvendo atividades no CAISI



Fonte: CicloVivo, 2018. Disponível em: <https://ciclovivo.com.br/mao-na-massa/horta/idosos-cultivarem-hortas-sao-luis/>. Acesso em: 08/11/2024

Em São Luís, por exemplo, a prefeitura mantém um espaço voltado para o atendimento à este público, onde não só consultas clínicas são realizadas, mas também uma série de entretenimentos para estimulação dos mais velhos, como atividades físicas com dança, plantio de hortas e confecção de artesanatos. O Centro de Atenção Integral ao Idoso atende pessoas desta faixa etária de diversas regiões da cidade, que buscam o espaço em prol de uma melhor qualidade de vida.

O acesso gratuito a shows, espetáculos teatrais, cinema e transportes interestaduais, de longe, é o maior receptor de reclamações. Todo o descontentamento se direciona à quantidade de assentos destinada para os mais velhos, sendo poucos e muito procurados. Nesse ponto, avalio que uma nova porcentagem dos assentos para eles deveria ser pensada, à medida que a demanda cada vez mais tem crescido.

Além disso, no quesito habitacional do Estatuto do Idoso, a questão asilar, onde, porventura, a família se ausentou da vida daquela pessoa envelhecida, também carece de atenção. Nesse sentido, tal questão surge à medida que os rumos da sociedade, cada vez mais, configuram um retrato de abandono da família em relação aos seus velhos, ainda que não haja necessariamente um distanciamento geográfico entre as partes.

Outro ponto delicado do Estatuto é no que se refere a Previdência e à Assistência Social, que nos últimos 10 anos vem sofrendo graves retrocessos, com ataques ao seu modo de funcionamento e os investimentos que receberam cortes orçamentais, impactando profundamente nas vidas das pessoas envelhecidas. Por conta da política neoliberal instalada no país, estes dois segmentos receberam atenção especial no que se refere à contenção de gastos e até mesmo na reformulação, como no caso da Reforma da Previdência, oficializada em 13 de novembro de 2019 pelo governo da época.

Ficou evidente que diversos ganhos do Estatuto do Idoso têm sido colocados em prática na realidade brasileira. Todavia, fica latente também a necessidade de maior fiscalização dos órgãos competentes para com a aplicabilidade e garantia dos direitos assegurados no documento. Há muito descaso ainda, principalmente, fora das capitais, onde os descumprimentos da lei muitas vezes ficam silenciados.

Olhando para o cenário como um todo, considero importante e necessário a participação da sociedade civil no que diz respeito às denúncias de violação dos direitos e as áreas do conhecimento, como a Psicologia. Mas, para tanto, cabem ser levantadas diversas reflexões internas dentro da ciência para saber como temos lidado e abordado a temática. No tópico a seguir, apresento como estão as produções acerca desse tema dentro do campo psicológico.

3 POR UMA FENOMENOLOGIA SOBRE O ENVELHECIMENTO

A saúde mental parece a cada dia piorar com os dados alarmantes frequentemente noticiados nos veículos de comunicação. Independente da idade, o retrato contemporâneo tem sido descrito com psicopatologias advindas de um modo de vida degradante a qual fazemos parte. Dentro desse contexto, no que tange aos mais velhos, alguns dados preocupantes tem sido noticiados, como o de que: “Em 2019, os idosos entre 60 e 64 anos representavam a faixa etária proporcionalmente mais afetada: 13,2% tinham sido diagnosticados com depressão” (BRASIL, 2022). É bem verdade que nesse momento, o planeta estava atravessando uma pandemia altamente impactante na saúde física e também psicológica.

Tamanha notoriedade que o tema ganhou, em especial no contexto da Covid-19, trouxe consigo contornos acentuados para as devidas tratativas a fim de amenizar os problemas. Diversas campanhas e mensagens de apoio (incentivo ao cuidado da saúde mental) foram produzidas e disseminadas, sobretudo, nas redes sociais. Entendo como o movimento teve sua importância na época, mas aprofundo a análise sobre a carência que ainda há no quesito da prestação de serviço – psicológico – à comunidade.

Os serviços públicos de atenção à essa área ainda são tímidos, escassos e limitados. Embora haja uma considerada e notória força de vontade por parte dos profissionais, as amarras e impeditivos na prestação de um serviço de melhor qualidade são maiores. A própria oferta de atendimento não é encontrada com facilidade, onde percebo uma grande procura para pouca capacidade de atendimento. Urge a necessidade de ampliação na quantidade de profissionais habilitados para tal fim. A inserção de psicólogos na base da pirâmide da saúde é vital, onde o poder público municipal trataria e acompanharia de maneira mais próxima as demandas.

Se observo a realidade privada, novamente me deparo com um distanciamento ainda maior, tendo em vista antiga e persistente elitização do fazer psicológico. As sessões, se comparadas a outras necessidades básicas dos mais velhos, tendem a continuar à margem de suas atenções, afinal, como afirmei anteriormente, a discrepância entre os ganhos e os gastos está cada vez mais latente, negativamente falando.

O homem idoso já não trabalha mais, ficando maior parte do tempo em casa. Estes fatores levam a sintomas de transtornos mentais comuns nesta faixa etária, principalmente nas mulheres idosas, que passaram boa parte da vida sobrecarregadas e sem lazer (Medeiros, 2019). Ou seja, o autor explicita que o contexto cultural no qual fomos criados impacta diretamente na qualidade da saúde mental dos habitantes de uma determinada região. No caso, a cultura ocidental com seus modos de funcionamento, é responsável por uma parcela desse adoceimento que temos visto e vivido.

Portanto, penso que para falar sobre o campo da saúde mental deva ser, antes de tudo, provocar indagações sobre as condições concretas e abstratas que os sujeitos dispõem, num determinado contexto, para desenvolverem uma qualidade de vida psíquica. Tratando do público na velhice, como apresentei nos tópicos anteriores, os ganhos sociais foram sendo conquistados paulatinamente, com avanços e retrocessos ao longo do percurso.

Nesse difícil cenário, a ciência psicológica muitas vezes é convocada a contribuir com melhorias, sugestões ou mesmo reflexões capazes de atenuar as questões-problema que aparecem. Todavia, Silva (2002, p. 5) alerta que: “além da falta de interesse e de vontade política, a população com idade acima dos 60 anos ressentir-se da falta de pesquisas sobre a natureza do envelhecimento, ficando os idosos sem respostas para a maioria de suas demandas”.

Somente nas últimas décadas, com o crescimento demográfico, houve um ganho científico em termos de pesquisas que abordam esse público e, ainda assim, com olhares demasiadamente restritos a determinadas áreas do conhecimento. Silva (2002, p. 7) afirma que:

Buscar pesquisas nessa área é deparar-se com a doença, precariedade, exclusão ou com um mercado de vendas de pacotes que, sob o pretexto de valorizar essa população, programa desde pacotes médicos, fitoterápicos etc. a pacotes turísticos sem planejamento.

Essa realidade, gradativamente tem sido reconfigurada, mas olhando para a construção histórica global, percebo o quanto arraigado está nas sociedades o olhar puramente biológico. Para Cachioni (2003), isso se dá pelo fato de

Essas imagens tradicionais são expressas também nos meios simbólicos, como por exemplo na literatura infantil tradicional, nos desenhos animados e nas novelas e anúncios televisivos; nas mídias impressa e eletrônica, que costumeiramente mostram a velhice como problema médico, sociodemográfico, econômico ou de saúde pública; a maioria dos manuais de biologia, psicologia e ciências sociais, quando tratam do envelhecimento, dão ênfase às doenças e incapacidades e ao desengajamento social. (p. 219).

O conjunto de estereótipos que configuram a figura do velho tem suas bases nas ciências naturalistas e no pensamento que “subdivide” o ser humano em “fases do desenvolvimento”, com fortes traços que sugerem uma generalidade dos sujeitos. Para Feriancic (2003, p. 144),

Na mídia, a presença do idoso é rara; quando o idoso é manchete, ele aparece apenas como consumidor de remédios, em propagandas de vendas de jazigo ou de planos de saúde. O idoso tem sua imagem sempre associada à doença ou à morte; imagem da qual o próprio idoso, infelizmente, apropria-se.” (p. 144).

Para Cachioni (2003), “a visão do envelhecimento, a passos tímidos, vem tomando novos rumos. Os avanços científicos nas diversas áreas do conhecimento têm criado a possibilidade de repensar e até de demolir alguns mitos sobre a velhice.” (p. 152). Com o interesse da comunidade científica em pesquisar o tema da velhice, outros horizontes de possibilidade foram se abrindo, ao longo do tempo. Mas, a autora alerta que:

Embora o segmento idoso esteja ganhando maior visibilidade, quer pelos dados demográficos quer por ser fatia considerável para novo campo de atuação profissional, ainda carecemos de recursos humanos com habilidades e competências tanto teórica como prática para atender este grupo etário em todas as suas demandas” (p. 174).

Diante dos inúmeros fenômenos relacionados à velhice que tem se levantado, pesquisadores mundo afora têm sido desafiados a produzirem novas pesquisas e, os/as psicólogos/as, não têm se isentado dessa necessidade. Quer ser seja no campo da saúde, do trabalho, no esporte ou em qualquer outra área da profissão, a Psicologia tem estudado o fenômeno e lançado seus olhares. O trabalho de desconstrução, para Feriancic (2003) se apresenta como desafiador à medida que:

Na sociedade, o medo de “pertencer a uma época anterior”, de envelhecer, aflige um número expressivo de pessoas, muito antes até do surgimento dos primeiros cabelos brancos ou das primeiras rugas. O envelhecimento representa, muitas vezes, a instauração de um duelo entre o tempo Cronos e o tempo Kairós, entre a idade cronológica e o tempo vivido.” (p. 134).

A urgência de atuar em prol de uma visão coletiva mais humanizada e com menos apego às características puramente fisiológicas, alimenta meu interesse no tema e expressa a vontade que tenho de propiciar momentos agradáveis ainda na velhice. Para Pereira (2003, p. 203):

Não se deve tratar a velhice como grande espera, misteriosa, silenciosa e fulminante. Acredito que a partir do momento em que o velho conhece as transformações que o seu organismo sofre e o seu novo papel dentro da sociedade, ele não se constitui em uma pessoa velha presente estatisticamente, mas em um cidadão.

A visão psicológica sobre a velhice na área da saúde foi se direcionando para aspectos desenvolvimentistas, produzindo “manuais” sobre envelhecimento, principalmente por influência estadunidense. Já na área da Organizacional e do Trabalho, a aposentadoria recebeu maior notoriedade. O caráter social e subjetivo ficou mais tímido nesse cenário e pouco foi retratado, deixando de lado a experiência própria do sujeito. Tal carência tem sido e continua precisando ser reparada, uma vez que, os resultados dela, podem francamente ser contribuintes na criação de novas políticas públicas, por exemplo. Tchakmakian e Frangella (2003), apontam que:

Propiciar aos idosos o investimento nas próprias potencialidades em direção a um envelhecimento saudável é permitir que o sentido de liberdade, expresso nas sensações dos afetos e dos desejos, possa emergir nas oportunidades possibilitadoras do livre pensamento e da livre escolha das atividades.” (p. 127).

Subsidiar autonomia para essas pessoas é fugir da equívoca associação que é feita entre crianças e velhos. Não retirar o poder de escolha, a capacidade de raciocínio e tantas outras coisas que no cotidiano comparecem como “simples”, na verdade, para eles, faz total diferença. Como psicólogo, acredito que tal “poder” que lhes é dado, deve ser estrutura basilar nas mais diversas relações sociais que se estabelecem. Para isso, é necessário desacelerar, conseguir escutar o que eles têm a me dizer. Para Tchakmakian e Frangella (2003), esse é uma atitude necessária, ao passo que:

Ouvir o outro significa dar-se ao outro, aprender com sua experiência. E essa atitude torna-se muito valiosa quando trabalhamos com idosos, que muito têm a compartilhar de suas longas histórias de vida e que geralmente não é dada a eles a oportunidade de expressarem-se e de se fazerem ouvir. A escuta facilita o exercício da comunicação significativa entre indivíduos, coletividades e nações.” (p. 122).

Estabelecer real conexão com a velhice deve ser, portanto, o dever principal de toda a Psicologia. Antes das concepções já maciçamente encrustadas nesses sujeitos, despojar-me de minhas teorizações sobre eles é um ato de respeito, de empatia. Caminhar na contramão disso, para Secco (1999), é:

Considerar a velhice, biologicamente, como a idade do declínio mental e corporal, como momento da involução dos sentidos e das funções vitais, é adotar uma visão muito restrita e linear do processo de envelhecimento. É não ultrapassar uma concepção positivista e naturalista da existência humana, segundo a qual os seres estavam fadados a uma evolução contínua: nasciam, reproduziam, envelheciam e morriam. Essa era perspectiva da antiga geriatria, cujos fundamentos se apoiavam na teoria do desgaste dos órgãos. A moderna gerontologia não comprehende a velhice somente do ponto de vista biológico, mas, principalmente, a partir de uma ótica existencial e social. (p. 1)

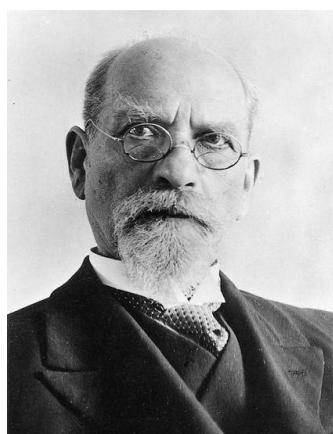
Como alternativa frente a tantas visões positivadas acerca da velhice, apresento, na seção seguinte, uma abordagem psicológica denominada Fenomenologia, a qual seu teor transcende e se distancia de um tecnicismo e se direciona à uma atitude perante os fenômenos que a nós se revelam.

3.1 A Psicologia Fenomenológica de Edmund Husserl

O mundo científico outrora já se encontrou totalmente submerso nas águas das ciências naturais. As fortes correntes baseadas no saber mensurável tomaram de conta do cenário das pesquisas e do conhecimento em geral. A física, a química e a biologia abasteciam torrencialmente as lacunas da dúvida perante a novos fenômenos que surgiam no seio social.

O enquadramento, a busca implacável pela categorização e pela atribuição de sentido a tudo que era perceptível ou não aos olhos, causou grande desconforto em Edmund Husserl, que mesmo tendo sua formação em Matemática, percebeu que todo o conteúdo criado pelas ciências naturais não necessariamente detinham total verdade sobre os fenômenos estudados.

Figura 22: Edmund Husserl (1859-1938)



Fonte: Biblioteca Digital de Filosofia, 2015. Disponível em:

<https://blogdephilosophia.wordpress.com/2015/08/25/edmund-husserl-1859-1938/>. Acesso em: 19/03/2024.

A psicologia fenomenológica em Husserl é entendida por Goto (2007) como ciência focada na descrição das vivências intencionais transpassado pelo esclarecimento dos conceitos psicológicos sem naturalização. Ou seja, para a fenomenologia husseriana é necessário se desfazer, ainda que de maneira temporária, de todo e qualquer conhecimento prévio que se tenha sobre determinado assunto, e se permitir ir ter com ele em sua essência. Para Borba (2010, p. 101):

A fenomenologia inaugurada por Husserl é resultado das intensas leituras, aproximações e reflexões que ele fez das obras e pensamentos de Aristóteles, Tómas de Aquino, Franz Brentano, René Descartes e Immanuel Kant e, principalmente do seu próprio caminho de investigação.

O argumento husseriano atribui à ciência o delineamento de uma existência que distancia o ser da vida e do mundo. As leis que regem a realidade precedem a experiência no mundo, gerando o *apriori* instituído como verdade, dissimulando o sentido do conhecimento.

A fenomenologia husseriana busca, então, entender a estrutura essencial da experiência consciente, buscando alcançar um conhecimento intuitivo e direto dos objetos. É portanto, uma abordagem que se concentra na descrição dos fenômenos como eles são percebidos diretamente na consciência, sem pré-concepções ou pressupostos.

3.2 Conceitos: mundo-da-vida e corporeidade

Para a escrita deste trabalho, busco e lanço mão de dois conceitos importantes na fenomenologia de Husserl. Demarco aqui que ambas as noções que o autor apresenta sobre o que seria o mundo-da-vida e corporeidade, à medida em que são apresentadas, se enlaçam. Em uma definição geral, podemos entender mundo da vida como a experiência e o conjunto coerente de vivências pré-científicas, como “[...] o mundo permanentemente dado como efetivo na nossa vida concreta” (HUSSERL, 2012).

Em sua clareza, a chegada do tema mundo-da-vida ressoa em seu sentido mais fundamental de (re)pensar o conhecimento e a vida humana. Com efeito, para além de uma categoria analítica, de torná-lo um mero mecanismo ou procedimento de investigação científico, deseja-se compreendê-lo como o “solo” originário das significações humanas, do qual se amplia os horizontes das experiências, de vontades do eu e dos outros em seu compartilhamento mútuo (intersubjetivo).

Husserl desenvolveu, além das noções de mundo-da-vida, também fez uma discussão sobre o conceito de corpo que se tinha enquanto concepção puramente naturalista, até então. Sobre essas conceituações husserianas, temos que:

Mergulhados no mundo da vida, compete-nos a obrigação de decifrar os seus enigmas e entendê-lo na perspectiva da sua horizonticidade, isto é, das suas infinitas manifestações de sentidos, de horizontes de possibilidades. É responsabilidade do homem, descobrir os sentidos do mundo e ordená-lo de acordo com esses sentidos. É para essa tarefa radical que nos convoca a fenomenologia, enquanto ciência universal, capaz de nos revelar a própria possibilidade do mundo e da existência humana, tão ameaçados pelas racionalidades acumuladas ao longo dos séculos que contribuíram para a simulação ou para o ocultamento dos seus verdadeiros sentidos. (GUIMARÃES, 2012, p. 34).

O “Lebenswelt” (mundo da vida) se constitui no horizonte de experiência centrada no eu, ou seja, na qual o próprio sujeito vive de forma intencional e consciente os fenômenos. Nesse sentido, podemos entender que de fato cada experiência deve ser entendida como única e singular, se desfazendo da necessidade de similarização de vivências.

De maneira sucinta, Missaggia (2018, p. 194) explica mundo “como uma estrutura geral de significação ampla e coerente, dada através de sínteses da consciência, que organiza toda a experiência fenomênica a partir de um horizonte intencional”. A novidade que o conceito de mundo da vida traz em relação a isso, segundo ela, é a ênfase na intersubjetividade³.

Carr (1987) enfatiza que a definição de mundo da vida formulada por Husserl no período de Crises é quase oposta àquela contida na obra Meditações cartesianas. Em Crises, Husserl sustenta que, em meio aos diversos conceitos possíveis de mundo, existe apenas um mundo da vida, com uma estrutura geral que engloba características relativas, explica o autor.

Já sobre a corporeidade, podemos partir da ideia de que o:

Nosso corpo está, além disso, envolvido como portador de outros modos de sensações, de um tipo de “objetividade superior”, como no caso dos sentimentos, das sensações de prazer e dor, de bem ou mal-estar, etc., as quais permeiam as formas primárias de sensação. Dessa maneira, uma determinada sensação como sentir frio, por exemplo, pode ser acompanhada de um sentimento de desconforto. O corpo vivo, enquanto território de todos esses complexos integrados de sensações, é vivenciado por cada um como “seu corpo particular”, enquanto “uma objetividade subjetiva distinta do corpo enquanto mera coisa material” (MISSAGGIA, 2016, p. 28).

Com a fenomenologia, Husserl foi responsável pelo pontapé inicial para um entendimento não dualista do corpo, o que era feito maciçamente em sua época quando a ciência apegava-se à divisão mente-corpo para tentar propor explicações sobre os fenômenos surgentes. No mundo-da-vida é por intermédio do corpo que encontramos o mundo, a nós mesmos, e nos encontramos em meio a este mundo (MISSAGGIA, 2016).

De acordo com Husserl (1931/2001), o corpo é elemento central na apreensão da experiência intersubjetiva do mundo. Levando-se em consideração o papel do corpo na experiência de apreensão, percebo o outro enquanto ego semelhante a mim. A perspectiva

fenomenológica em relação ao corpo permite apreender a alteridade no encontro com o outro. Para Missaggia (2017, p. 196),

O conceito de corpo é sem dúvida tema filosófico fundamental para o pensamento contemporâneo e muito é dito sobre o papel central da fenomenologia no estabelecimento de questões relativas a tal noção. Porém, quando estudos nessa direção partem da tradição fenomenológica, quase sempre remetem diretamente aos trabalhos de Merleau-Ponty. Embora Husserl seja ainda amplamente conhecido sobretudo como um pensador que tratou da subjetividade a partir do *eu puro*, é digno de nota que a filosofia husseriana não apenas influenciou o fenomenólogo francês também nesse aspecto, como tem suas próprias contribuições ao tema. A noção de corpo é importante, portanto, em primeiro lugar, para desmistificar a ideia de Husserl como um idealista que nada tem a dizer sobre questões “empíricas” ou sobre o ser humano enquanto “ser no mundo”.

Nessa lógica, a vida é viver permanentemente consciente da coisa e do mundo: “viver desperto é ser desperto para o mundo, ser constante e atualmente ‘consciente’ do mundo e de si mesmo como vivendo no mundo, vivenciando efetivamente, realizando efetivamente a certeza do ser do mundo” (HUSSERL, 2012, p. 116). Para Missaggia (2018, p. 193), O mundo da vida, portanto, diz respeito ainda à vida partilhada com outros sujeitos, na qual todos atuam como pertencentes a um mundo comum.

É a sociabilidade universal (a “humanidade”, neste sentido), como “espaço” de todos os eus-sujeitos. Mas é claro que a síntese da intersubjetividade diz respeito a tudo: o mundo da vida intersubjetivamente idêntico para todos serve como “índice” intencional para as multiplicidades de aparições que, ligadas na síntese intersubjetiva, são aquilo que, através de todos os eus-sujeitos (e não porventura cada um meramente por meio das suas multiplicidades individualmente próprias), está orientado para o mundo comum e para as suas coisas, como campo de todas as atividades etc. ligadas no nós geral. (Husserl, 2012, p. 141)

A concepção husserlianade corporeidade prima pelo esclarecimento do que é ser um corpo, a ser alcançado via fenomenologia. O tema torna-se relevante para a filosofia fenomenológica por que o corpo é o próprio sujeito no espaço fenomenológico, e o contato com o mundo se dá conforme sua capacidade sensorial. Esse vínculo do corpo próprio e não-próprio permite ao eu uma “tomada de consciência” de que há outro organismo tal como o dele, dotado de caráter psicofísico e, como humano, preenche as intenções de outro eu na e para a sua consciência.

A proposta de Edmund Husserl com a fenomenologia era justamente devolver o olhar filosófico – que segundo ele – deveria ser a base de toda a psicologia. Com essa ousada proposta do escritor alemão, a ciência teria sua preocupação alecerçada na compreensão, ao invés da explicação. Superaria, portanto, a noção de causa-efeito, tão impregnada na psicologia predominante na época.

O resultado da não desvinculação aos métodos de análises naturalistas são as muitas pesquisas que percebo hoje enviezadas a resultados já pré estabelecidos, enfraquecendo o reais achados na pesquisa em detrimento de categorizações “científicas”. Aponto, com isso, a importância de como as metodologias utilizadas nas pesquisas influenciam em como a Psicologia Brasileira vem pesquisando ao longo do tempo sobre a temática do envelhecimento humano. Nas buscas realizadas para a construção do projeto de pesquisa do PPGPSI/UFMA, me deparei com uma poucas literaturas retratando o tema e a pouca diversidade na forma de abordar o assunto, sendo portanto, de extrema relevância o avanço de pesquisas para outros horizontes com o qual não se tem contatos com frequência.

4 O ENVELHECIMENTO NA PSICOLOGIA BRASILEIRA

O presente estudo tem como forma de abordagem qualitativa, que se trata de um percurso de investigação que se foca em compreender fenômenos complexos a partir de uma perspectiva aprofundada e interpretativa. Em vez de quantificar dados, como ocorre na pesquisa quantitativa, a pesquisa qualitativa busca explorar e interpretar experiências, comportamentos e interações humanas.

Nessa modalidade de pesquisa temos, portanto, uma ferramenta poderosa para compreender a complexidade dos fenômenos sociais e humanos, oferecendo reflexões profundas que se direcionam para além das métricas e quantificações. Para Minayo (2002), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização das temáticas. Além disso, ela também se classifica como do tipo exploratória e descritiva.

A escolha por esse modo de pesquisa leva em consideração sua capacidade de ponderar a amplitude de significados, valores e atitudes relativos a processos e fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (SEVERINO, 2002).

Nesse sentido, alinhado ao caráter qualitativo, farei uso da fenomenologia Husseriana, já que sua postura perante os fenômenos também se apresenta como comprehensiva e descritiva. O método proposto por Edmund Husserl gerou grande perplexidade na comunidade científica e recebeu inúmeras críticas justamente por se opor ao positivismo e suas práticas que, para dar conta daquilo que se propunha a fazer, acabavam não mais enxergando o fenômeno pelo fenômeno, mas sim por lentes outrora já criadas.

Diferentemente do que pregam e praticam as ciências positivistas, que pautam suas pesquisas no rigor do método da mensuração, do enquadramento e da categorização, a

fenomenologia tem suas origens nascidas em fontes filosóficas. Com isso, supera a visão naturalista das vivências humanas, que até então eram basicamente fisiológicas e anatômicas, no dilema causa-efeito.

A nova compreensão do homem [...] se baseia na nova concepção de que o homem não é mais compreendido em termos de alguma teoria - seja mecanicista, biológica ou psicológica - mas em termos de uma elucidação puramente fenomenológica da estrutura total ou articulação total da existência como SER-NO-MUNDO (in-der- Welt-sein). (MILLON, 1979 p. 166-167).

Desta maneira, não compete realizar enquadramentos ou classificações a fenômenos que tangem ao psiquismo do sujeito. A percepção do mundo pelo sujeito precisar ser levada em consideração, assim como sua relação intencional com tal assunto ou fenômeno.

No âmbito desta pesquisa, considero os fundamentos da Fenomenologia Husseriana e, para tanto, o norte será guiado pela atitude e pelo método fenomenológico cujas etapas são estão distribuídas didaticamente da seguinte forma: 1- Epoché: Consiste na suspensão temporária de todo e qualquer a priori e sem julgamento (CASTRO; GOMES, 2011); 2- Redução Eidética: Consiste na descrição da estrutura essencial do fenômeno. (CASTRO; GOMES, 2011) e 3- Redução Transcendental: Nela, o fenômeno é revelado pela consciência. (GUIMARÃES, 2013)

No que diz respeito às técnicas de pesquisa que conforme Cervo & Bervian (2002) consistem na execução do plano metodológico, o estudo parte da pesquisa bibliográfica. De acordo com Gil (2014, p. 66) o referido modelo “utiliza contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto”.

Com isso, realizarei um levantamento na base de periódicos da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Periódicos CAPES, acerca dos temática no âmbito da pesquisa em Psicologia no Brasil. Os descritores que utilizarei serão os seguintes: Envelhecimento, corporeidade, fenomenologia e Psicologia, dentro de um intervalo temporal de 5 anos, sendo válidas apenas pesquisas no âmbito nacional.

Assim, objetivo promover leituras que se pautarão em reduções fenomenológicas para investigação de essências gerais, sempre buscando o distanciamento do conhecimento fechado em si mesmo sobre a temática pesquisada. Neste momento, após a filtragem dos manuscritos encontrados, farei as leituras dos mesmos e após constatar validá-los, utilizarei o instrumento Prisma Flow Diagram² como forma de organizar os artigos encontrados na pesquisa.

Esse instrumento trata-se de um conjunto de diretrizes projetado para melhorar a transparência e a integridade na elaboração de revisões sistemáticas e meta-análises. Um dos componentes-chave dessas diretrizes é o diagrama de fluxo PRISMA, que ajuda a ilustrar o

² Preferred Reporting Items for Systematic reviews and Meta-Analyses.

processo de seleção de estudos de maneira clara e estruturada.

A estrutura do diagrama de fluxo PRISMA, habitualmente possui quatro fases principais, que se subdividem em:

1 – Identificação: Registros identificados: mostra o número total de registros encontrados através de bases de dados de pesquisa e outras fontes (por exemplo, buscas manuais, referências de artigos) / Registros duplicados removidos: indica o número de registros duplicados que foram removidos após a duplicação.

2 – Triagem: Registros selecionados para triagem: indica o número de registros restantes após a remoção de duplicados que foram avaliados quanto à elegibilidade / Registros excluídos: número de registros que foram excluídos após a triagem inicial (geralmente com base nos títulos e resumos)

3 – Elegibilidade: Artigos de texto completo avaliados para elegibilidade: mostra o número de artigos que foram selecionados para avaliação completa / Artigos excluídos: detalha o número de artigos que foram excluídos após a avaliação completa, frequentemente com as razões para a exclusão (por não se encaixarem nos critérios necessários).

4 – Inclusão: estudos incluídos na síntese qualitativa: número de estudos que foram incluídos na análise qualitativa. / Estudos incluídos na síntese quantitativa: número de estudos que foram incluídos na meta-análise, se aplicável.

Alguns dos benefícios deste instrumento são: 1 – Transparência: o diagrama aumenta a transparência do processo de seleção dos manuscritos, permitindo que os leitores vejam com clareza como os estudos foram identificados, triados, avaliados e incluídos. 2 – Rastreabilidade: facilita o rastreio do processo de revisão, permitindo que os pares repliquem o estudo ou entendam as decisões tomadas durante a seleção dos artigos. 3 – Padronização: ajuda a padronizar o relatório de revisões sistemáticas e meta-análises, o que melhora a comparabilidade entre estudos diferentes.

Portanto, seguir as diretrizes PRISMA e utilizar o diagrama de fluxo, contribui significativamente para a qualidade e a credibilidade das revisões sistemáticas e meta-análises, garantindo que o processo seja compreensível e reproduzível.

Por fim, apesar do rastreio de literatura, o olhar sobre a pesquisa será fenomenológico, descrevendo o que encontrar e as essências sobre a velhice mencionadas no estudo. Nesse sentido, embora o instrumento utilizado seja oriundo de fontes quantitativas, a forma como vou olhar e tratar os dados, está sim se direciona à atitude fenomenológica, não interferindo, assim, no caráter qualitativo desta pesquisa. Após a execução da pesquisa na base de dados da CAPES, foram encontrados os artigos que compõem esta revisão de literatura.

O artigo "A Fenomenologia do Corpo no Envelhecimento: diálogos entre Beauvoir e Merleau-Ponty", publicado em 2019 na Revista Subjetividades do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Paraná (PPGPs/UFPR) enfatiza os descriptores velhice, existencialismo, corporeidade. As autoras Rafaela de Campos Domingues e Joanneliese de Lucas Freitas abordam o envelhecimento a partir de uma perspectiva fenomenológica, explorando como a experiência do corpo no envelhecimento é refletida nas obras de Simone de Beauvoir e Maurice Merleau-Ponty. O foco principal do texto está nas dimensões existenciais do corpo e como ele é vivido, sentido e compreendido ao longo do tempo.

Beauvoir, em sua obra "A Velhice", discute a opressão das mulheres mais velhas, analisando como a sociedade marginaliza aqueles que envelhecem, tratando-os como invisíveis ou irrelevantes. Ela enfatiza a experiência subjetiva do envelhecimento e como as mudanças físicas do corpo afetam a identidade e o sentido de ser.

Merleau-Ponty, por outro lado, a partir de sua fenomenologia do corpo, explora como o corpo não é apenas um objeto biológico, mas uma experiência vivida, integrada à percepção do mundo. Para ele, o corpo envelhece, mas continua sendo a base de nossa relação com o mundo, um ponto de interseção entre a subjetividade e a objetividade.

O artigo, portanto, propõe uma análise crítica sobre como ambos os pensadores abordam a questão do envelhecimento do corpo, buscando compreender as implicações existenciais desse processo e a relação entre o corpo, a percepção e a identidade ao longo da vida. A combinação das ideias de Beauvoir e Merleau-Ponty oferece uma compreensão mais profunda das transformações do corpo e da experiência do envelhecimento, levando em conta tanto a subjetividade quanto as estruturas sociais e culturais que influenciam essa vivência.

De todos os manuscritos que encontrei durante a pesquisa, este é o que considero que mais se aproxima da fenomenologia husseriana, uma vez que seus autores foram influenciados, em diferentes graus, por Husserl.

Observei o movimento por parte dos autores em descrever o envelhecimento como um fenômeno vivido intencionalmente no corpo vivido, explorando a tensão husseriana entre sujeito corporal e objeto corporal.

Também notei que eles buscam mostrar como essa tensão se acentua pelo olhar do outro e pelas constrições sociais e biológicas, ampliando a fenomenologia original, introduzindo uma dimensão ética sobre envelhecimento, identidade e liberdade.

Assim, o artigo exemplifica o método fenomenológico: suspende julgamentos biológicos e empíricos, retorna à experiência vivida do corpo, revelando sua estrutura

intencional e ambígua à medida que envelhecemos.

Entretanto, Merleau-Ponty desenvolveu sua própria vertente da fenomenologia, aprofundando-se e criticando certas ideias de Husserl, especialmente em relação à percepção e ao corpo. Beauvoir, por sua vez, desenvolveu uma abordagem crítica e original, embora tenha utilizado a fenomenologia husserliana como base para sua análise do "ser mulher" e da constituição do significado da diferença sexual, expandindo o foco para questões sociais e existenciais.

Em suma, considero que o artigo se apresenta como um importante produto do pensamento fenomenológico. Mesmo com diferenças conceituais dos autores com o precursor, analiso que a demarcação de terriório no campo teórico seja necessária para aprofundamentos posteriores a partir de estudos basilares como este.

Ainda em 2019, o artigo "Universidade da Criativa Idade: Uma Proposta de Extensão Universitária sob a Ótica do Lazer" publicado na Revista Rosa dos Ventos Turismo e Hospitalidade aborda uma iniciativa de extensão universitária voltada para a promoção do envelhecimento ativo e saudável, com foco na utilização do lazer como uma ferramenta de inclusão social para a população idosa. Segundo os autores Ana Paula Lisboa Sohn, Renato Buchele Rodrigues, Silmara Hoepers, Juliana Cristina Gallas, do Departamento de Turismo da Universidade Vale do Itajaí, o programa "Universidade da Criativa Idade" visa proporcionar aos idosos oportunidades de aprendizado, socialização e vivência de atividades recreativas que contribuem para o bem-estar e a qualidade de vida.

A proposta é baseada na ideia de que o envelhecimento não deve ser visto como um período de declínio, mas sim como uma fase em que é possível buscar novas experiências, habilidades e significados. O lazer, no contexto do programa, é considerado um componente essencial para o fortalecimento da autoestima, da interação social e do desenvolvimento pessoal dos participantes.

O artigo destaca a importância da inclusão da população idosa nas atividades universitárias, permitindo-lhes acesso a um espaço de aprendizado e convivência. Também aponta como o lazer, quando praticado de forma estruturada e intencional, pode ser uma ferramenta poderosa para a construção de uma velhice mais ativa, criativa e autônoma.

Este manuscrito, diferente de alguns outros que compõem esta pesquisa, tece fundamentações e argumentos interessantes que visam extrapolar a visão negativa e perjorativa que as pessoas mais velhas carregam. Nesse sentido, a ideia de desconstrução de estigmas se assemelha à proposta fenomenológica, que se distancia de enquadramentos e rotulações. A ampliação de horizontes e capacidade de ainda nesta idade as pessoas conseguirem ter prazer

em viver torna ambas as propostas similares nesse sentido.

Todavia, encontrei algumas distinções, que me foram percebidas ao olhar que o artigo trata-se de um relato de experiência — descreve a criação, implementação e resultados (novas amizades, aprendizagens, integração intergeracional) do projeto “Universidade da Criativa Idade” voltada a pessoas acima de 50 anos, usando o lazer como eixo central. Para Husserl, o percurso deveria perpassar pela descrição da estrutura da consciência e da experiência do sujeito.

A metodologia empregada foi a descritiva e empírica, envolvendo revisão bibliográfica, levantamento do comportamento de idosos, planejamento de oficinas e relatórios sobre impacto social e cultural. Nesse sentido, o tratamento e a exposição dos resultados divergem da maneira como a fenomenologia aborda, que é buscando essências gerais.

Sobre o objeto de análise, observei que o artigo centra-se no grupo social de idosos envolvidos em atividades de lazer, turismo pedagógico e interação com estudantes — busca promover autonomia, inclusão, qualidade de vida, mas sem focar no fenômeno da experiência vivida, como qualquer conteúdo (lazer, envelhecimento, corpo, etc.) é vivido e intencionalmente constituído pela consciência individual, sem olhar social ou institucional do sujeito.

Em relação à proposta do estudo realizado, notei que se direciona à produção de conhecimento aplicado, situacional e contextual, voltado para prática de extensão e políticas de bem-estar na terceira idade. Ou seja, totalmente divergente da fenomenologia no que diz respeito à não generalidade, sobretudo aplicada, de um conhecimento qualquer construído.

Na reflexão sobre a vivência, o estudo avalia efeitos concretos — socialização, autonomia, desenvolvimento cultural — mas não aprofunda a vivência interna de cada participante, enquanto que se fosse de abordagem fenomenológica, investigaria como cada experiência aparece, por exemplo, o sentido do “lazer” enquanto intencionalidade, a vivência do tempo, e a relação subjetiva com o próprio corpo e memória — sem se preocupar com resultados sociopolíticos.

O artigo "Os Cansaços e Golpes da Vida: Os Sentidos do Envelhecimento e Demandas em Saúde entre Idosos do Quilombo Rincão do Couro, Rio Grande do Sul" de 2019, da Revista Psicologia Ciência e Profissão explora as experiências de envelhecimento de idosos que vivem na comunidade quilombola de Rincão do Couro, localizada no Rio Grande do Sul, destacando as particularidades dessa população em relação ao envelhecimento e as demandas específicas de saúde.

Nelé, os autores Elisângela Domingues Severo Lopes, Cassiane de Freitas Paixão,

Daniela Barsotti Santos buscam compreender como os idosos dessa comunidade atribuem sentidos ao envelhecimento, considerando suas histórias de vida e a influência de fatores socioeconômicos, culturais e históricos. O estudo revela que o envelhecimento para essa população é permeado por dificuldades, como o desgaste físico e emocional, mas também por ressignificações de seus papéis sociais e culturais. Além disso, é abordado o impacto das desigualdades sociais e do racismo, que afetam diretamente o acesso a serviços de saúde e a qualidade de vida desses idosos.

O artigo também enfatiza as demandas de saúde dos idosos do quilombo, que incluem a necessidade de maior acesso a cuidados médicos, apoio psicológico e serviços de saúde mais próximos de suas realidades. Os idosos relatam dificuldades de acesso a tratamentos e a falta de profissionais capacitados para entender as especificidades culturais dessa comunidade.

Em resumo, o artigo destaca a complexidade do envelhecimento entre os idosos do quilombo de Rincão do Couro, apontando a importância de considerar as dimensões culturais e sociais na promoção de políticas de saúde e no atendimento a essa população. O estudo reforça a necessidade de um olhar mais atento e específico para as demandas de saúde e bem-estar de idosos em comunidades quilombolas.

Este artigo, inicialmente se assemelha à proposta da fenomenologia, já que é um estudo qualitativo de campo que busca compreender como o envelhecimento é vivido pelos idosos do quilombo, explorando suas histórias de vida, desafios, percepções de saúde e estratégias de enfrentamento. Foca em contextos históricos, culturais e sociais específicos.

Todavia, quando me deparei com a metodologia, notei as diferenças, já que o artigo utiliza entrevistas, observações e relatos de experiências para coletar dados — a partir dos quais faz análises interpretativas, muitas vezes recorrendo a teorias sociais ou de saúde pública. Ou seja, se distancia da forma de estudar o fenômeno do envelhecer como aparece à consciência, incluindo a experiência corporal, temporal e intencional — sem buscar explicações ou causas externas.

Uma outra característica do artigo que diverge da maneira de pensar husseriana é que o artigo gera conhecimento situado e contextual, útil para intervenções, políticas públicas ou programas de apoio à saúde de populações vulneráveis. Ou seja, sua finalidade acarreta em tomada de decisões generalizadoras. Para a fenomenologia, a temporalidade e horizonte de sentido são estruturas a serem mais levadas em consideração.

Em síntese, analisei que o artigo reflete sobre os efeitos sociais, econômicos e culturais do envelhecimento no quilombo, mas não explora como os idosos vivenciam internamente cada sensação como tal — por exemplo, o que significa fenomenologicamente a sensação de cansaço

ou “golpe da vida”. Na perspectiva da fenomenologia, aprofunda-se na experiência interna — como a sensação de esgotamento aparece à consciência, quais são os sentimentos relacionados, como o corpo e o tempo são sentidos no envelhecer — sem apelar para explicações externas.

Em 2020, o artigo "Atividades de Promoção à Saúde Física e Mental de Idosos: um relato de experiência na extensão universitária" publicado na Revista de Extensão da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC) do Departamento de Arquitetura da referida universidade enfoca os descriptores “ídoso, envelhecimento saudável, projeto de extensão e Programa Território Paulo Freire.

Os estudiosos Aline Eyng Savi, Elizabeth Maria Campanella de Siervi, Silemar Medeiros da Silva e Tainara Calabrez descrevem um projeto de extensão universitária voltado à promoção da saúde física e mental de idosos. O foco do projeto foi a realização de atividades que visam melhorar a qualidade de vida dos idosos, integrando a comunidade universitária com o público idoso em atividades que combinam exercícios físicos e atividades cognitivas.

O relato de experiência detalha como a universidade se envolveu em ações práticas para promover o bem-estar dos idosos, por meio de encontros regulares que envolvem desde atividades físicas, como caminhadas e exercícios de alongamento, até práticas voltadas ao estímulo mental, como jogos e atividades cognitivas. A proposta do projeto foi não apenas melhorar a saúde física dos participantes, mas também promover o bem-estar psicológico e emocional, combatendo o isolamento social e melhorando a autoestima dos idosos.

Além disso, o artigo discute a importância da integração entre a academia e a comunidade local, ressaltando como a experiência trouxe benefícios tanto para os idosos quanto para os estudantes, que puderam aplicar seus conhecimentos de saúde e nutrição, além de promover um aprendizado sobre as necessidades e desafios da população idosa.

Em resumo, o artigo apresenta a experiência de um projeto de extensão universitária que proporcionou aos idosos uma abordagem holística para a promoção de sua saúde, destacando a importância da atividade física e mental no envelhecimento saudável.

O primeiro ponto que sinalizo como divergente é em relação à finalidade e a abordagem do tema. Este artigo trata-se de um relato empírico-prático, cujo objetivo é compartilhar atividades de promoção de saúde (socialização, fortalecimento físico, reflexão sobre memória e identidade) desenvolvidas com idosos entre 2018 e 2020. É voltado para aplicação e avaliação de impacto no cotidiano. Na fenomenologia, por sua vez, é uma investigação filosófica que busca descrever a estrutura da experiência consciente, por meio da redução fenomenológica, da análise da intencionalidade (noêsis/noêma) e da intuição das essências.

Num segundo momento, aponto para as divergências do ponto de vista metodológicos,

já que o artigo apresenta o uso de metodologia descritiva, recolha de observações, relatos e trocas de experiências. Avalia-se impacto em autoestima, conhecimento e adaptação ambiental/psicológica/física. Para a fenomenologia de Husserl o caminho perpassa pela epoché (suspenção do juízo natural) para acessar a consciência pura, descrevendo como os fenômenos se apresentam à consciência, focando em noêsis/noêma e na essência das vivências.

O terceiro ponto que levanto diz respeito ao objeto de estudo, onde no artigo, o foco está na ação coletiva e no resultado concreto da promoção da saúde em idosos: melhoria na socialização, saúde física e mental. Adota uma postura interdisciplinar e aplicada. Já em Husserl, focada a experiência individual da consciência, buscando compreender como um ser percebe e atribui sentido ao mundo. O sujeito é investigado em seus atos intencionais, sem pretensão de efeitos práticos diretos.

O quarto ponto que destaco revela a natureza do conhecimento. No artigo, percebi que é levado em consideração o conhecimento empírico, baseado em experiências vividas em grupo. Também é focado em melhorias de práticas extensionistas, com ênfase em aspectos psicossociais, enquanto que na fenomenologia, é buscado um conhecimento transcendental, universal e válido para todas as consciências, ao descobrir invariantes intencionais por meio da análise e da redução eidética.

Por fim, na questão da reflexividade, o artigo, embora haja reflexão sobre a experiência, ela não investiga a estrutura da experiência em si — ou seja, não questiona “como” a consciência vivencia os fenômenos, mas sim “o que” e “com que efeito” as atividades produziram. Diferentemente, a fenomenologia valoriza a introspecção sobre os atos da consciência, questionando a intencionalidade, as essências das vivências e as condições de possibilidade da experiência humana.

Em 2021, localizou-se o artigo "Hormônios e Mulheres na Menopausa" da Revista Psicologia: Ciência e Profissão. Nele, os pesquisadores Juliana Vieira Sampaio, Benedito Medrado, Vera Mincoff Menegon do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará (PPGPs/UFCE) exploram os aspectos fisiológicos, hormonais e sociais relacionados à menopausa, um período natural da vida da mulher, marcado pela cessação da menstruação e alterações nos níveis hormonais, especialmente de estrogênio e progesterona. O texto aborda as mudanças biológicas que ocorrem durante essa fase, como o aumento do risco de doenças cardiovasculares, osteoporose e sintomas como ondas de calor, suores noturnos, alterações de humor e insônia.

Além disso, o artigo discute o tratamento hormonal, também conhecido como terapia de reposição hormonal (TRH), utilizado para aliviar os sintomas da menopausa e prevenir

complicações de longo prazo, como a perda óssea. Embora a TRH seja eficaz para o controle dos sintomas, o texto destaca que ela deve ser usada com cautela, considerando os riscos potenciais, como o aumento do risco de câncer de mama e doenças cardiovasculares, dependendo do tipo de hormônio e da duração do tratamento.

O artigo também analisa o impacto psicológico e social da menopausa, reconhecendo que a experiência varia de mulher para mulher e envolve não apenas os aspectos biológicos, mas também as percepções culturais e individuais sobre a transição para essa fase da vida. A menopausa, muitas vezes vista de maneira negativa pela sociedade, é considerada uma oportunidade de reavaliação e adaptação ao novo ciclo de vida.

Em resumo, o artigo fornece uma visão abrangente sobre os hormônios durante a menopausa, os tratamentos disponíveis, e as implicações físicas e emocionais dessa fase na vida das mulheres, enfatizando a importância de um acompanhamento médico adequado e uma abordagem individualizada para cada mulher.

Nesse artigo percebi diferenças profundas em relação à forma de construção. Notei que ele se propõe a analisar criticamente como a menopausa e a reposição hormonal são construídas socialmente, influenciadas por representações culturais da juventude, produtividade e heteronormatividade, a partir de vídeos da indústria farmacêutica. Ou seja, traz consigo terminologias e linhas de raciocínio muito naturalistas, organicistas, o que difere da estrutura da experiência consciente — suspendendo pressupostos naturais para explorar como os fenômenos aparecem à consciência.

Em seguida, aponto para o método que foi inspirado na cartografia de controvérsias (Latour), analisando materiais de mídia para entender discursos sobre hormônios, enquanto que no método fenomenológico, é o meio utilizado para alcançar a essência das experiências é justamente não recorrer a explicações externas, a priori.

Nesse sentido, outra importante característica de distinção entre os modelos é no enfoque dado no artigo ao corpo das mulheres como objeto social/médico, investigando narrativas sobre deficiência hormonal, sexualidade e juventude. Para a fenomenologia, o modo como qualquer fenômeno (incluindo o corpo) se apresenta à consciência é intencionalmente constituído, sem focar em aspectos sociais ou históricos.

No que tange o tipo de conhecimento buscado, o artigo gera conhecimento situacional, histórico e crítico, voltado à desconstrução de discursos e práticas médicas/patriarcais, ao passo que, em Husserl, o que interessa são descobertas universais sobre a consciência humana — os invariantes intencionais que estruturam a experiência.

Por fim, pontuo que o artigo analisa efeitos discursivos e sociais da medicalização; não

investiga a experiência vivida da menopausa como fenômeno da consciência. Numa perspectiva fenomenológica, é buscada a promoção de uma investigação introspectiva da vivência — por exemplo, como uma mulher vive corporalmente sensações internas de calor, exposição ao olhar do outro, etc., antes de qualquer narrativa médica.

Também em 2021, na Revista Estudos Interdisciplinares em Psicologia foi publicado o artigo "Experiências de Envelhecimento Masculino" investiga as vivências e as percepções dos homens sobre o envelhecimento, destacando as particularidades dessa fase da vida no contexto masculino. As pesquisadoras Roana de Jesus Braga e Mariele Rodrigues Correa do Departamento de Psicologia da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP) apontam que, embora o envelhecimento seja uma experiência universal, os homens tendem a lidar com ele de maneira diferente das mulheres, tanto em termos sociais quanto emocionais.

O estudo discute como os homens frequentemente enfrentam a velhice com base em estereótipos culturais de masculinidade, que podem dificultar a expressão de vulnerabilidades e necessidades emocionais. Muitas vezes, há uma resistência a buscar ajuda para questões relacionadas ao envelhecimento, como problemas de saúde, quedas de desempenho físico e mudanças no corpo, por conta de uma pressão social que associa a velhice à perda de vigor e ao "fracasso" da masculinidade.

Além disso, o artigo analisa como a sociedade, em geral, tende a valorizar mais a juventude, o que leva muitos homens a lidarem com a velhice de forma mais negada ou silenciada. No entanto, também são observados aspectos positivos, como a busca por um envelhecimento mais consciente e autêntico, em que alguns homens se dedicam a cuidar da saúde, repensar suas prioridades e construir novas identidades à medida que envelhecem.

Em resumo, o artigo conclui que as experiências de envelhecimento masculino são multifacetadas e influenciadas por normas sociais, psicológicas e culturais. A pesquisa ressalta a importância de dar mais visibilidade às questões específicas do envelhecimento masculino e a necessidade de promover um envelhecimento mais saudável e acolhedor para os homens.

O presente artigo, assim como o primeiro analisado, carrega consigo grandes semelhanças em termos de estrutura com a fenomenologia de Edmund Husserl. Na natureza da abordagem, por exemplo, observei que trata-se de uma pesquisa qualitativa aplicada, buscando compreender como homens vivenciam seu envelhecimento, com foco em narrativas concretas. Numa perspectiva husseriana, a ideia seria aplicar a rigor a busca pela essência dos fenômenos, suspendendo naturalismos e pressupostos.

Um outro ponto que me chamou a atenção diz respeito ao objetivo do artigo, que se

direciona em identificar padrões e significados nas experiências de envelhecer, resultando em categorias descritivas. Nesse aspecto, há semelhanças com o pensamento husseriano, uma vez que o movimento é de capturar as estruturas universais da consciência, independentes de contextos históricos ou sociais.

Acerca dos procedimentos metodológicos, verifiquei que o artigo faz uso de entrevistas, análise de conteúdo, interpretação contextual. Na fenomenologia, o método exige aderência irrestrita à descrição pura e à vida psíquica intencional. À medida em que por vezes se assemelham, em outros momentos as duas vertentes se distanciam, ao passo que o texto usa ferramentas fenomenológicas, mas mescla com elementos hermenêuticos e sociais — não segue o rigor trascendental husseriano. A fenomenologia de Edmund exige método puro, sem interpretações pragmáticas, sociológicas ou psicológicas e, além disso, diferencia vivência psíquica de experiência empírica.

Em linhas gerais, o artigo utiliza a fenomenologia como metodologia interpretativa para estudos sociais, explorando como homens falam, sentem e dão sentido ao envelhecer. Por outro lado, Husserl propõe uma filosofia transcendental dedicada à revelação das essências da consciência, livre de qualquer influência empírica.

O artigo "Entre o Corpo e o Outro: Uma Leitura Laplancheana da Velhice" de 2021, da Revista Psicologia em Estudo faz uma análise da velhice a partir da teoria psicanalítica de Jean Laplanche, focando nas dinâmicas entre o corpo envelhecido e a relação com o outro. Os pesquisadores Michelle Aguilar Dias Santos e Fábio Roberto Rodrigues Belo do Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) buscam entender como o envelhecimento é percebido tanto pela pessoa idosa quanto pelas pessoas ao seu redor, levando em consideração o impacto das trocas psíquicas e afetivas entre o indivíduo e o "outro".

O estudo propõe que, na velhice, as questões relacionadas ao corpo e à subjetividade se intensificam, e o envelhecimento é interpretado não apenas como um processo biológico, mas também como uma vivência carregada de significados, influenciada pelas relações sociais, familiares e culturais. A psicanálise de Laplanche é utilizada para entender como o envelhecimento é estruturado pelas "mensagens" que o sujeito recebe ao longo da vida, principalmente no que se refere ao corpo e às representações do envelhecimento.

O artigo também discute a ideia de que, para Laplanche, o corpo envelhecido é visto como um campo onde se projetam as angústias e os desejos inconscientes, refletindo a interação entre as marcas do corpo e as trocas emocionais com o outro. A velhice, nesse sentido, pode ser tanto uma experiência de alienação e descontinuidade, como também um momento de reconciliação com a própria história e identidade.

Em resumo, o artigo sugere que a velhice, ao ser vista sob a ótica de Laplanche, revela uma complexa interseção entre o corpo físico e as relações psíquicas, onde o envelhecimento é tanto uma vivência individual quanto um reflexo das trocas com o outro, contribuindo para a construção da subjetividade na terceira idade.

Lendo e analisando o artigo, observei distinções epistemológicas que dificultam aproximações entre as teorias aqui trabalhadas. A primeira grande diferença está no fato de que o artigo parte da psicanálise, especificamente da Teoria da Sedução Generalizada de Jean Laplanche, reinterpretando conceitos freudianos como o reforço pulsional e apoio para pensar as mudanças corporais na velhice. Husserl, por sua vez, busca acessar as essências dos fenômenos da consciência.

O artigo investiga como as modificações do corpo no envelhecimento reativam situações inconscientes, alteram a economia libidinal, mobilizam o inconsciente (passividade originária, luto, alteridade), enquanto que Husserl busca compreender como os fenômenos são dados à consciência, independentemente de conteúdos inconscientes ou clínicos, focando na estrutura intencional da experiência por si mesma.

No artigo, é aplicada uma leitura psicanalítica clínica baseada na teoria de Laplanche, incluindo referências literárias e considerações sobre estruturas psíquicas e luto na velhice. Já na fenomenologia husserliana é adotada a epoché (suspenção do juízo sobre o mundo real) e a redução eidética, para descrever a experiência pura da consciência, sem recorrer a interpretações psicológicas ou clínicas.

Em relação ao campo de atuação, o artigo situa-se na psicologia clínica e psicanálise, voltado para o entendimento dos efeitos psíquicos da velhice no sujeito em análise. Já Husserl insere-se na tradição da filosofia, epistemologia e ontologia da consciência, sem foco clínico ou terapêutico, mas na investigação intelectual das condições de possibilidade da experiência.

Em resumo, O artigo usa a psicanálise para interpretar os efeitos do envelhecimento na psique, enquanto a fenomenologia de Husserl busca compreender a essência da experiência consciente, sem recorrer a teorias clínicas ou psicológicas.

Ainda em 2022, o artigo "Reflexo Cru (2021), de Mel Duarte: A Literatura Negra Brasileira como Instrumento Possível para uma Abordagem Psicoterapêutica Decolonial" da Revista de Letras Norte@mentos explora a obra "Reflexo Cru", de Mel Duarte, como uma ferramenta para uma prática psicoterapêutica decolonial. Nele, Wesley Henrique Alves da Rocha do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso (PPGEL/UFMT) analisa como a literatura negra brasileira, em especial os textos de Mel Duarte, pode ser utilizada para ressignificar e promover processos terapêuticos que

levem em consideração as especificidades históricas e culturais da população negra no Brasil.

A pesquisa argumenta que a literatura negra, com sua rica produção de experiências, narrativas e vivências, oferece um espaço simbólico potente para o fortalecimento da identidade e do autoconhecimento dos sujeitos negros, permitindo uma forma de cura e resistência às violências estruturais e psicológicas do racismo. A obra de Mel Duarte, ao trazer uma linguagem poética e subjetiva, é vista como uma possibilidade de conexão entre as experiências de sofrimento e o processo terapêutico, onde as palavras e as narrativas podem ajudar a desconstruir os impactos da colonialidade e do racismo internalizado.

O artigo propõe que a psicoterapia decolonial deve ser sensível a essas experiências, reconhecendo as dimensões sociais e culturais que influenciam o sofrimento psíquico, e utiliza a literatura como um recurso para a expressão, o empoderamento e a transformação desses indivíduos. Em suma, o texto defende a literatura negra como um instrumento terapêutico valioso para promover a saúde mental e o bem-estar, além de ser uma ferramenta essencial para práticas psicoterapêuticas mais inclusivas e culturalmente sensíveis.

Este artigo é mais um dos quais eu considero mais diferente da teoria e prática de Husserl, pois, em seu conteúdo, há demasiada composição de teorias e conhecimentos pré-existentes, entrando em rota de colisão com a teoria de Husserl. Para iniciar, sinalizo que o artigo explora como o conto *Reflexo Cru* funciona como ferramenta na terapêutica decolonial voltada para pessoas negras, abordando identidade, ancestralidade, racismo, autoestima e memória; empreendedor um diálogo interdisciplinar entre literatura negra e psicologia clínica.

Em relação ao método, também enxerguei profundas diferenças entre as propostas, uma vez que o artigo emprega análise textual interdisciplinar e biblioterapia, voltada para resultados clínicos e consciência crítica com vista à cura psicosocial. Já na fenomenologia, há a suspensão pressupostos do senso comum e coleta intuições eidéticas para revelar estruturas essenciais da consciência, sem recorrer a dados empíricos ou fins terapêuticos.

Em relação ao objeto de estudo, sinalizo o artigo que focaliza a literatura negra como recurso terapêutico em contextos culturais e históricos específicos (cotidiano de pessoas negras), valorizando discursos decoloniais e subjetividades marginalizadas. Entretanto, não observei maior concentração nos fenômenos da consciência, tais como: sensação, percepção, corpo, tempo, que trariam mais próprios da fenomenologia.

O propósito do artigo vai em direção à um enfrentamento ao racismo pós-colonial, além de refletir sobre conteúdos sociais e terapêuticos emergentes da literatura negra — discutindo racismo, autoestima, ancestralidade —, mas não investiga como esses conteúdos se apresentam à consciência pura dos leitores. Já a fenomenologia exerce análise introspectiva detalhada sobre

como os conteúdos são vividos internamente — por exemplo, como uma leucura ou reflexo emocional aparece no corpo vivido, na memória e na intencionalidade.

Em linhas gerais, o artigo, embora com grandes divergências conceituais e atitudinais perante o fenômeno, agrupa conteúdos preciosos, sobretudo na questão da ancestralidade, que é onde entra a questão da velhice. O perpassar do conhecimento, da cultura, hábitos e costumes deve ser considerado de extrema importância para manutenção da existência dos povos.

No ano de 2022, o artigo "Contribuições da Psicologia à Experiência de Envelhecer: Relatos de um Programa de Extensão", da Revista Eletrônica de Extensão da Universidade Federal de Santa Catarina apresenta a análise e os resultados de um programa de extensão voltado para a experiência de envelhecer, focando em como a Psicologia contribui para a qualidade de vida de idosos. A pesquisa de Ana Maria Justo, Caroliny Duarte da Silva, Mariana Amaral, Bruna Maiara Giraldo do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina descreve como a Psicologia pode oferecer apoio emocional, promover estratégias de adaptação e lidar com os desafios do envelhecimento, como a perda de autonomia e a solidão.

O programa de extensão é apresentado como uma importante ferramenta para a intervenção psicológica, oferecendo aos idosos a oportunidade de refletirem sobre suas vivências e desenvolverem habilidades de enfrentamento frente às mudanças associadas ao envelhecimento. Através de relatos de participantes, o artigo destaca os impactos positivos dessa intervenção, como o aumento do bem-estar e a melhoria na percepção da própria vida.

Além disso, o artigo enfatiza o papel fundamental da Psicologia no fortalecimento da autoestima dos idosos e na promoção de um envelhecimento saudável, ao considerar aspectos emocionais, cognitivos e sociais. A pesquisa sugere que a atuação psicológica pode ser um importante instrumento para ajudar os idosos a lidarem com a transição para a velhice de forma mais adaptativa e positiva.

Neste quarto artigo a preocupação dos autores é em descrever práticas implementadas por meio da psicologia com idosos — por exemplo, rodas de conversa, estímulo à autonomia, dinâmicas de grupo — visando promover bem-estar físico, emocional e social, ao passo que Husserl entende que deve focar é na estrutura da experiência consciente do/s indivíduo/s.

Como forma de alcançar os objetivos, o artigo se desenvolve em cima de uma metodologia baseada em adotar métodos empíricos — registros, entrevistas, observação participante — para avaliar o impacto da intervenção psicológica em aspectos como autoestima, suporte social, qualidade de vida. A apresentação dos dados e forma como são colocados colidem com os moldes husserlianoss, que busca a redução fenomenológica (suspenção de pressuposições) para descrever como os fenômenos aparecem à consciência pura, identificando

estruturas intencionais e essências.

No que remete ao objeto de estudo, observei que o artigo centra-se na prática psicológica aplicada junto a um grupo de idosos, com foco nas transformações vividas e nos resultados concretos, à medida que a fenomenologia investiga qualquer fenômeno, inclusive corporeidades e emoções, como se apresentam na vivência subjetiva, sem fundamento empírico ou normativo, mas buscando a essência da experiência.

No campo do tipo de conhecimento valorizado, há uma discrepância, já que notei que o artigo produz um conhecimento contextual e aplicado, visando gerar consequências práticas para políticas de saúde e educação. Já para os conhecimentos husserianos, a transcendentalidade e a universalidade, são elementos caros e preciosos, pois permitem descobrir/desvelar invariantes da experiência humana por meio de intuições eidéticas.

Em suma, o artigo reflete sobre os efeitos das atividades, mas não questiona profundamente os atos de consciência dos participantes — como, por exemplo, “como os idosos vivenciam interiormente cada dinâmica?”, o que na fenomenologia, a vivência interna ganharia destaque, onde seria investigada a estrutura intencional da percepção, emoção, memória — ou seja, como cada fenômeno se dá intimamente ao sujeito.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve como desafio investigar a velhice sob a perspectiva fenomenológica husseriana, priorizando a descrição da experiência vivida do envelhecimento tal como se manifesta à consciência, mediante os resultados da pesquisa bibliográfica. A partir da filosofia de Edmund Husserl, fundador da fenomenologia, procurei compreender a velhice não como um dado biológico, nem como um estado funcional degenerativo, mas como um fenômeno intencional — ou seja, uma experiência de mundo que se dá a partir da consciência do sujeito que vive e interpreta o próprio envelhecer.

No decorrer da pesquisa, constatei uma significativa escassez de estudos que abordem o envelhecimento a partir da fenomenologia, especialmente em sua vertente husseriana. A maioria dos artigos e publicações que encontrei no bancos de dados científicos da CAPES, concentra-se em perspectivas oriundas das ciências naturais, como a medicina, a gerontologia clínica e a biologia do envelhecimento. Essas abordagens, ainda que fundamentais para lidar com os aspectos fisiológicos e funcionais da velhice, muitas vezes reduzem a complexidade da experiência do idoso a parâmetros mensuráveis, desconsiderando sua dimensão subjetiva e intencional.

Tal movimento se dá justamente pelo longo processo de construção histórica envolta na figura do “ser velho”. Conforme apresentei, com o passar do tempo, conotações limitantes e depreciativas foram sendo arroladas à essa fase da vida, sobretudo com discursos que de certa forma acabam por tolhir a capacidade de manifestação existencial da pessoa envelhecida. Dos 13 artigos que compuseram esta pesquisa, 11 deles se distanciam acentuadamente de olhares filosóficos, explorando maciçamente noções fisiológicas, sobrando apenas 2 que se alinham com a vertente fenomenológica.

Diante desse difícil cenário, a fenomenologia husseriana, ao propor o retorno "às coisas mesmas", convida o pesquisador a suspender julgamentos prévios (*epoché*) e a voltar-se à experiência tal como ela é vivida e constituída na consciência. Assim, compreender a velhice fenomenologicamente significa descrever como o idoso vive o tempo, o corpo, a memória, a alteridade, o espaço e os próprios limites. Trata-se de um deslocamento epistemológico importante: do envelhecimento como objeto externo de estudo, para a velhice como constituição de sentido.

Neste sentido, Husserl oferece ferramentas conceituais cruciais, como a noção de intencionalidade da consciência, a estrutura temporal da experiência (protensão, retenção e percepção presente), e a constituição do eu através do fluxo de vivências. Essas categorias permitiram pensar a velhice como uma forma de temporalidade particular: não apenas cronológica, mas existencial. O idoso não é apenas alguém que "chegou a certa idade", mas alguém que vive um tempo denso de significados, que articula o passado vivido, o presente transformado e um futuro cada vez mais finito. A consciência do tempo — mais precisamente, da finitude temporal — torna-se um elemento central da experiência da velhice.

Outro ponto fundamental da análise diz respeito ao corpo vivido. Embora Husserl tenha elaborado reflexões sobre a corporeidade (notadamente na "Ideias II"), é a partir da distinção entre *Körper* (corpo físico) e *Leib* (corpo vivido) que se pode compreender como o idoso experiencia seu corpo não como objeto de estudo externo, mas como modo de estar-no-mundo.

A fenomenologia permite entender que o corpo do idoso não é apenas um corpo que "envelhece", mas um corpo que muda sua maneira de significar o mundo e de ser por ele afetado. A limitação física, a dor, a lentidão ou a fragilidade são experienciadas de forma única por cada sujeito, e não podem ser totalmente compreendidas a partir de medidas quantitativas. Por isso, torna-se fundamental escutar o vivido, captar os sentidos subjetivos que se associam às mudanças corporais na velhice.

Além disso, a fenomenologia husseriana também nos convida a refletir sobre o caráter intersubjetivo da experiência. A velhice não é vivida apenas como uma transformação interior,

mas também como uma modificação na relação com o outro e com o mundo social. Muitos idosos relatam sentir-se invisíveis, desvalorizados ou excluídos de espaços sociais, afetivos e produtivos. Tais sentimentos não decorrem apenas de fatores externos, mas se constituem na vivência intersubjetiva da alteridade. Nesse ponto, a fenomenologia oferece instrumentos para pensar a empatia, o reconhecimento e a constituição do eu a partir da relação com os outros.

A ausência de produções fenomenológicas sobre a velhice, por outro lado, revelou-se um dado preocupante. Isso mostra que o envelhecimento ainda é, predominantemente, objeto de abordagens objetivantes, muitas vezes calcadas em paradigmas biomédicos. Essas leituras, embora legítimas em seus próprios campos, acabam por negligenciar a riqueza das experiências subjetivas dos idosos, tratando-os como portadores de déficits e não como sujeitos plenos de significados. Tal cenário exige uma inversão no modo de pensar e pesquisar: é preciso partir da experiência vivida, e não apenas do corpo mensurado.

Frente a isso, esta dissertação buscou não apenas descrever a experiência da velhice a partir da fenomenologia, mas também levantar um chamado à ampliação do campo de estudos sobre o envelhecimento em sua dimensão intencional. Acredito que uma escuta fenomenológica do idoso pode contribuir não só para uma compreensão mais ética e humana da velhice, mas também para a reformulação de práticas de cuidado, políticas públicas e discursos sociais.

A fenomenologia husseriana, ao reconhecer a subjetividade como fonte de sentido, posiciona-se como alternativa teórica e metodológica frente a um cenário de crescente objetivação do idoso. Tal perspectiva oferece um caminho possível para repensar a velhice a partir da singularidade de cada sujeito, sem reduzi-lo à lógica da produtividade ou da funcionalidade. O idoso, sob essa ótica, é um ser que sente, que pensa, que se recorda, que sonha, que sofre — e que, sobretudo, constrói sentidos próprios para sua existência em cada etapa da vida.

Em síntese, esta pesquisa propôs uma virada epistemológica na abordagem da velhice: da biomedicina à fenomenologia, da objetivação à escuta, do diagnóstico à descrição da vivência. Ao optar pela fenomenologia husseriana como arcabouço teórico, busco oferecer uma alternativa ao modelo dominante, trazendo à luz a experiência de envelhecer como fenômeno essencialmente humano, carregado de temporalidade, intencionalidade e intersubjetividade.

Reconhecendo as limitações da pesquisa — especialmente quanto ao número reduzido de publicações fenomenológicas sobre a temática — reitero a necessidade de futuros estudos que aprofundem essa perspectiva, tanto no plano teórico quanto empírico. O envelhecimento da população mundial, especialmente nos países em desenvolvimento, torna ainda mais urgente o desenvolvimento de abordagens que respeitem a subjetividade do idoso, valorizem sua história

e considerem suas vivências como fonte legítima de conhecimento.

Que esta dissertação sirva, portanto, como ponto de partida para a ampliação de um campo ainda pouco explorado, mas absolutamente necessário: o da velhice compreendida não apenas como um dado natural, mas como uma experiência vivida, intencional e constituída no mundo-da-vida.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L; DE OLIVEIRA BASTOS, P. R. H. *O desvelar do significado do corpo envelhecido para o idoso*: Uma compreensão fenomenológica. 2017.

ARCURI, I. Contribuições contemporâneas sobre o envelhecer. In: **REVISTA KAIRÓS**, São Paulo: EDUC, v.6 – n. 2, 2003.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Nova tradução na linguagem de hoje. São Paulo : Paulinas Editora, 2011.

BILAC, O. **A velhice**. 2001. Disponível em: <https://blogdospoetas.com.br/poemas/a-velhice/>. Acesso em: 09 nov. 2024.

BORBA, J. M. P.. A fenomenologia em Husserl. **Revista do NUFEN**, v. 2, n. 2, p. 90-111, 2010.

BOTELHO, Denise Maria; NASCIMENTO, Wanderson Flor do. **Educação e religiosidades afro-brasileiras: a experiência dos candomblés**. 2012. Disponível em: http://www.realp.unb.br/jspui/bitstream/10482/11854/1/ARTIGO_EducacaoReligiosidadesAfroBrasileiras.pdf. Acesso em: 22 ago. 2024.

BRASIL, Boletim de fatos e números – saúde mental. Secretaria Nacional da Família. Gabinete do Ministro. 2022. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/observatorio-nacional-da-familia/fatos-e-numeros/5.SADEMENTAL28.12.22.pdf>>. Acesso em: 23 ago. 2024.

BRASIL. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. **Estatuto do Idoso**. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/pessoa-idosa/estatuto-da-pessoa-idosa.pdf/view> . Acesso em: 23 ago. 2024.

CACHIONI, M. **Quem educa os idosos?: um estudo sobre professores de universidades da terceira idade**. Alínea Editora, 2003.

CARR, David. **Interpreting Husserl**: critical and comparative studies. Dordrecht: Martinus Nijhoff, 1987.

CASTRO, T. G. de; GOMES, W. B. Movimento fenomenológico: controvérsias e perspectivas na pesquisa psicológica. **Psicologia: teoria e pesquisa**. Brasília. Vol. 27, n. 2, p. 233-240. 2011.

CERVO, A. L. & BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

DE FREITAS, S. A.; DA COSTA, M. J. A identidade social do idoso: memória e cultura popular. **Revista conexão UEPG**, v. 7, n. 2, p. 202-211, 2011.

DEZAN, S. Z. O envelhecimento na contemporaneidade: reflexões sobre o cuidado em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos.(2015). **Rev. Psic UNESP**, v. 4, n. 2, p. 28-42.

DOS ANJOS, D. et al. Um olhar qualitativo sobre a percepção de finitude naterceira idade. **Indagatio Didactica**, v. 5, n. 2, p. 375-391, 2013.

FERREIRA, L. R. ; DONATO, I. K. B. A AMBIGUIDADE DA CONDIÇÃO DA MULHER IDOSA DOS TERREIROS DE CANDOMBLÉ ALAGOANO. **REVEXT - Revista de Extensão da Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 33–47, 2017. Disponível em:
<https://periodicosuneal.emnuvens.com.br/revext/article/view/120>. Acesso em: 22 ago. 2024.

FERIANCIC, M. M. Envelhecimento e sexualidade. In: **REVISTA KAIRÓS**, São Paulo: EDUC, v.6 – n. 2, 2003.

FILHO, E. R. A.; GOMES, L.; BEZERRA, A. J. C. A arte no ensino da gerontologia: o envelhecimento na visão dos pintores renascentistas. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, v. 26, n. 1, 2021.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2014.

GOTO, T. A. **A (re) constituição da psicologia fenomenológica em Edmund Husserl**. Campinas, 2007. 218 p. Tese de Doutorado – Curso de Pós-graduação emPsicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas, 2007.

GUIMARÃES, A. C. O conceito de mundo da vida. **Cadernos da EMARF**, p. 29-45,2012.

GUIMARÃES, A. C. Uma aproximação aos conceitos básicos da fenomenologia. **Fenomenologia e Psicologia**. V. 1, n. 1, 2013.

HUSSERL, E. (1931). **Meditações cartesianas**. Tradução de Frank de Oliveira. São Paulo: Madras, 2001.

HUSSERL, E. **A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental: Uma introdução à filosofia fenomenológica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012. 456p

JESUS, M. A. de. **Contos e lendas indígenas: a educação ambiental nos saberes tradicionais**. 2021.

MEDEIROS, L. F. de. A inter-relação entre transtornos mentais comuns, gênero e velhice: uma reflexão teórica. **Cadernos Saúde Coletiva**, v. 27, p. 448-454, 2019.

MEIRELES, C. **A Velhice Pede Desculpas**. In: Poemas. 1958. Disponível em:

<https://www.citador.pt/poemas/a-velhice-pede-desculpas-cecilia-meireles>. Acesso em: 09 nov. 2024.

MILLON, T. (org.) **Teorias da Psicopatologia e Personalidade:** Ensaio e Críticas. 2. ed. Rio de Janeiro: Interamericana, 1979.

MINAYO, M. Cecília de Souza; COIMBRA JR, Carlos EA. **Antropologia, saúde e envelhecimento.** Editora Fiocruz, 2002.

MISSAGGIA, J. **Por uma fenomenologia encarnada:** corpo e intersubjetividade em Husserl. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2016.

MISSAGGIA, Juliana. O conceito husseriano de corpo: Sua Dualidade e função nas experiências perceptivas. **Problemata: Revista Internacional de Filosofia**, v. 8, n. 3, p. 196-208, 2017.

MISSAGGIA, J. A noção husseriana de mundo da vida (Lebenswelt): em defesa de sua unidade e coerência. **Trans/Form/Ação**, v. 41, p. 191-208, 2018.

MORAGAS, M. R. Gerontologia Social: envelhecimento e qualidade de vida. In: **Gerontologia social: envelhecimento e qualidade de vida.** 2010. p. 283-283.

NASCIMENTO, B. S. A. et al. O envelhecimento sob a ótica do ser idoso: uma abordagem fenomenológica. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 1, p. e15911501-e15911501, 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). **Envelhecimento ativo: um projeto de política de saúde.** Madrid: OMS, 2005.

ONU, 2023. **ONU quer mais apoio para população em envelhecimento.** Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2023/01/1807992>. Acesso em: 12 abril 2023.

PEREIRA, M. C. S. A face (des)conhecida do idoso na Universidade Aberta da 3ª Idade da Unicentro. In: **REVISTA KAIRÓS**, São Paulo: EDUC, v.6 – n. 2, 2003.

PORTE EDITORA – *envelhecer* no Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora. [consult. 2024-08-22 09:15:33]. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/língua-portuguesa/envelhecer>.

ROCHA, J. A.. HUSSERL:: CRISE NA CIÊNCIA E ONTOLOGIA TRANSCENDENTAL. **Polymatheia-Revista de Filosofia**, v. 11, n. 19, 2018.

SANTANA, J. A. Do peso e da leveza: Sobre a Velhice. **Revista UFG**, Goiânia, v. 5, n. 2, 2017. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/49766>. Acesso em: 22 ago. 2024.

SECCO, C. L. T. R. As rugas do tempo na ficção. **Cadernos IPUB**, Rio de Janeiro. IPUB/UFRJ, n. 10, p. 1-24, 1999. Envelhecimento e Saúde Mental: uma aproximação multidisciplinar.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 22. ed. São Paulo:Cortez, 2002.

SILVA, F. S. de S. **Turismo e psicologia no envelhecer**. São Paulo: Roca, 2002.

TCHAKMAKIAN, L. A; FRANGELLA, V. S. A influência da memória na reeducação alimentar de idosos. *In: REVISTA KAIRÓS*, São Paulo: EDUC, v.6 – n. 2, 2003